

S

o

p

h

i

a

A entidade

presa na

montanha

---

M. V. Ferreira



Ano 530 no calendário do Reinado. O ano estava apenas começando, como sempre, as primeiras duas semanas eram reservadas apenas para festejar, rezar, meditar e agradecer, de acordo com as crenças pessoais de cada um dos muitos habitantes de tantas diferentes raças.

Era uma prática comum em todo o Reinado que as pessoas utilizassem esses primeiros dias de um novo ano para traçarem planos e se reinventarem, os clérigos agradeciam aos seus deuses e pediam por tempos melhores, as vezes sem sair de seus aposentos por dias, imersos em suas orações. Enquanto que monges, druidas e outras pessoas espirituosas, mas não muito ligadas à religião, meditavam por períodos igualmente prolongados tentando elevar seus espíritos e se conectar com energias positivas, que lhes dessem a força que precisavam para encarar os desafios que estariam por vir.

Por fim, haviam também aqueles que não ligavam para nenhuma dessas coisas e preferiam aproveitar que todos os reinos praticamente paravam, durante esse período, para festejar dia após dia, já que muitos recebiam uma espécie de férias em seus trabalhos.

Depois de apenas alguns meses, como sempre, os velhos vícios e rotinas voltavam para a maioria e os sonhos de melhora ou projetos de futuro eram deixados de lado e esquecidos, pelo menos até as primeiras duas semanas do ano seguinte.

Mas essa não parecia ser a realidade da dupla encapuzada que seguia pelas estradas tortuosas das montanhas, em direção ao reino de Berg. Ou pelo menos não exatamente.

As duas figuras se destacavam em meio àquela paisagem rochosa e quase sem presença de vida. De todos os caminhos que ligavam Draconem à Berg, aquele certamente era um dos mais abandonados. Aquela era uma das diversas trilhas criadas há muitas eras, na época em que Berg era o único reino com ferreiros habilidosos e o conhecimento para manejar o aço.

Predominantemente povoado por anões, o reino das montanhas sempre esteve na frente quando o assunto era forjar metais e até hoje o cenário continua assim. Contudo, na época em que até os conhecimentos mais básicos ainda eram um mistério para os outros povos, todos iam e vinham de Berg o tempo todo, portanto muitas e muitas rotas foram abertas ao longo das montanhas e até mesmo

por dentro delas. Mas aos poucos a forja de metais simples foi se espalhando pelo Reinado e as trilhas comerciais foram diminuindo. A facilidade de se criar emboscadas naquele ambiente montanhoso também afastava as caravanas, na mesma medida que favorecia o trabalho de assaltantes.

Por fim, para aumentar a segurança e salvar seu comércio, Berg investiu em criar estradas largas e bem vigiadas para serem suas rotas principais entre os seus vizinhos, abandonando de vez todas as outras antigas trilhas. Outro motivo não-oficial era o fato de o comércio do reino ter diminuído absurdamente em quantidade, mas aumentado em valor, fazendo com que muitas trilhas fossem desnecessárias.

Tudo que Berg tinha para oferecer de exclusivo nos dias atuais se resumia à forja do aço negro, também conhecido como metal dos anões, e do metal-pluma. Essas duas ligas metálicas eram muito caras e o segredo da sua origem e de como cria-las estava guardada com os anões mestres ferreiros do reino.

Portanto, poucos ainda iam até as montanhas para comprar o que os anões tinham à oferecer, mas esses poucos eram responsáveis por injetarem uma imensa quantia de moedas de ouro na economia daquela região.

O porquê de itens feitos desses metais valerem tanto era simples de ser entendido. Além das lendas que pairavam sobre a real natureza daqueles materiais, a qualidade deles era muito superior aos equipamentos forjados em aço comum. O aço negro era dez vezes mais resistente do que o aço normal e possuía propriedades mágicas naturais, sem a necessidade de que fosse encantado por um mago ou qualquer coisa do gênero.

Uma arma de aço negro era capaz de, por exemplo, ferir criaturas vulneráveis apenas à magia, como fantasmas. Por mais que os magos da Grande Academia em Draconem não entendessem como o efeito ocorria e afirmassem que nenhuma magia estava presente naquele metal de coloração escura como a noite.

Já o metal-pluma comportava-se exatamente como o aço comum, exceto pela sua coloração levemente azulada e, o mais importante, por seu peso extremamente menor.

Guerreiros vestindo uma armadura de placas completa afirmavam que sentiam-se como se estivessem equipados com no máximo uma simples cota de malha, enquanto que magos afirmavam que uma cota de malha desse material

parecia uma roupa comum, não prejudicando em nada os gestos necessários para a conjuração de suas magias.

Assim as mercadorias dos anões que antes se estendiam para todos, começaram a encontrar seu mercado em aventureiros muito ricos, príncipes e regentes de outros reinos e cidades. Não que as armas e armaduras de aço comum de Berg também não fossem melhores do que as dos outros lugares, mas muitas vezes não valia a pena toda a viagem só para comprar uma simples espada ou peça de armadura.

Em todo caso, a dupla escolhera não seguir pela rota principal justamente porque não buscavam nem as magníficas obras-primas forjadas em metais especiais, nem os itens de metal comum, mas forjados por mestres anões. O que eles realmente desejavam era não serem notados.

Pelos mantos empoeirados e com sinais de desgaste, era possível dizer que ambos estavam caminhando a bastante tempo e vinham de muito longe. O maior deles era realmente grande. Ou era forte além do normal ou trajava algum tipo de armadura por baixo daquele manto com capuz. O menor deles poderia facilmente ser uma mulher ou criança, mas que apesar da constituição mais frágil, acompanhava bem o forte ritmo da marcha.

Ambos carregavam consigo mochilas, igualmente velhas e desgastadas, e o maior dos dois levava também uma bolsa de couro com algum objeto de tamanho significativo. Talvez um instrumento musical ou até uma arma.

O sol já estava baixo no horizonte e eles procuraram uma pequena reentrância em um paredão rochoso para se abrigarem. O frio não chegava a ser congelante, mas aliado ao forte vento que soprava sempre naquela região durante a noite ele poderia ser bastante desagradável. Chegando a adoecer aqueles que já estivessem mais desgastados pelas viagens.

Ali, abrigados do sereno e dos fortes ventos, acenderam uma fogueira e retiraram utensílios de suas mochilas para prepararem a refeição.

— Acha que ainda falta muito para chegarmos em algum lugar? — Perguntou a figura mais delgada, com uma doce voz feminina.

— Não. Segundo esse mapa, nós devemos alcançar o vilarejo antes da metade da manhã — respondeu o outro, olhando um mapa desenhado em um pedaço de pano.

– Que bom. Vai ser ótimo finalmente ter uma cama para dormir. Vamos comer e nos apressar em dormir então.

– Sim, vamos. Eu fico com o primeiro turno.

O maior deles cozinhou uma sopa com algumas coisas comestíveis que eles ainda possuíam. O caminho havia sido árduo até ali e depois que chegaram nas montanhas, a caça se tornou algo extremamente raro e difícil.

Após comerem, o maior assumiu a vigia e a outra figura ajeitou-se em um canto com seu saco de dormir.



Como previsto pelo viajante, o sol ainda não havia atingido metade de seu curso até o zênite quando eles alcançaram o vilarejo de Lohem Zolum, que no antigo idioma dos dragões significava algo como “primeiro portão”. O vilarejo possuía esse nome por que foi um dos primeiros a ser fundado, depois da capital de Berg, era uma passagem obrigatória para se chegar à capital, uma vez que no início qualquer trilha para se chegar no coração do reino das montanhas passava primeiro por ali.

A ideia na concepção do vilarejo era de que aquele fosse um entreposto militar e primeira linha de defesa contra qualquer invasão. A geografia de Berg proporcionava uma defesa natural que obrigava qualquer ataque significativo a vir necessariamente pelas trilhas criadas para o comércio.

Quando a situação política do Reinado começou a se consolidar e a esfriar, o reino das montanhas abriu diversas outras trilhas e o pequeno vilarejo de anões guerreiros perdeu sua importância.

Porém, na época da criação das rotas comerciais principais, o forte apego às tradições, tão característico do povo anão, se mostrou realmente forte. Eles escolheram honrar o nome do vilarejo e o tornaram a porta de entrada do reino para aqueles que vinham de Draconem e Leafield.

Com essa mudança, o vilarejo voltou a crescer e o antigo lar dos guerreiros mais ferozes de Berg precisou se adaptar. Aprenderam a viver do comércio e da preguiça dos outros povos. Afinal, se você não fosse um anão, certamente preferiria andar o mínimo possível pelos caminhos íngremes e sinuosos daquele reino onde tudo parecia mais distante.

O povo de Lohem Zolum começou a realizar viagens regulares para a capital de Berg, onde os grandes mestres forjavam suas obras primas, para comprar as peças produzidas lá e vende-las à um preço “ligeiramente mais alto” em seu próprio vilarejo.

Portanto, muitos que vinham desses destinos para comprar os equipamentos especiais feitos pelos anões, encontravam o que precisavam ali e, mesmo sabendo que estavam pagando mais caro, preferiam não continuar o caminho até a capital.

Naquele ambiente que mais parecia uma gigantesca feira livre, os dois viajantes se misturaram ao grande fluxo que vinha das duas rotas principais e sentiram-se finalmente aliviados. Tinham atingido seu destino em segurança.

— Sério, Klauss, porque aqui? — perguntou a figura diminuta, um tanto quanto contrariada.

— Porque esse é um lugar de comércio, sem espaço para a fé. E a nossa missão é criar esse espaço em lugares como este, Aika — respondeu ele, chamando Sophia pelo nome que eles inventaram para tentar esconder a sua real identidade.

O lugar realmente era movido pelo comércio. O interesse de grande parte de toda aquela gente era apenas comprar algo. E o da outra parte era vender.

Com toda aquela gente e o tamanho do lugar, Lohem Zolum deveria ser chamado de cidade e não de vilarejo. Existiam muitas cidades menores que aquilo no Reinado. Mas, mais uma vez, o povo anão, tão tradicional, preferia continuar chamando de vilarejo.

O lugar era protegido por uma grande muralha de pedra e as casa em seu interior também eram feitas de pedra. Com exceção de algumas poucas feitas em madeira, cujas as quais pertenciam às famílias mais antigas ou aos comerciantes mais ricos.

Uma vez que a pedra era abundante e as árvores eram extremamente raras, naquela paisagem rochosa de Berg, apenas quem possuía uma quantia muito grande de ouro era capaz de mandar trazer madeira de Norwood para construir suas casas.

Eles continuaram caminhando pelas ruas lotadas, procurando por uma taverna bem específica. Klauss conhecia um lugar bastante tradicional e movimentado que possuía alguns quartos, cujos quais eram normalmente alugados

para viajantes por um preço bem modesto. O lugar era uma espécie de pousada-taverna.

O prédio não chamava atenção, já que era feito de pedra como tantos outros, e a grande quantidade de gente entrando e saindo tornava fácil passar por ali sem ser notado.

— É aqui — disse Klauss, olhando a placa desgastada balançando acima da porta.

— Afinal, o que é aquela coisa desenhada na placa? Parece que é alguma criatura usando tapa-olho.

— Confesso que nunca entendi o que é aquilo, mas costumam dizer que é um cíclope.



Sophia e Klauss aproveitavam seu dejejum no salão da taverna, que estaria completamente vazia àquela hora da manhã, não fosse por uma outra figura desmaiada em algum canto.

— Provavelmente bêbados demais para sair daqui, não acha? — Falou Sophia, como que apenas para puxar conversa.

— Com certeza. E não me espantaria se algum deles já não estivesse mais vivo.

Ambos sorriram. Estavam felizes por terem finalmente dormido em uma cama de verdade e por poderem comer pão fresco com ovos fritos ainda quentes. Faltava apenas um bom suco de alguma fruta qualquer, mas beber água ainda parecia melhor do que a outra única opção. Cerveja.

Anões não ligavam muito para outras bebidas. Na verdade, eles ficariam felizes em viver apenas de cerveja mas, infelizmente para eles, a água era algo necessário.

A dupla concordava que achavam os anões muito divertidos, apesar de seu aspecto atarracado, suas grandes barbas e seu aparente estado de mau humor permanente. A forma ranzinza como tratavam a tudo e a todos contrastava muito com seus tamanhos diminutos e os transformava quase em piadas ambulantes. Ainda mais porque reclamavam o tempo todo, mas sua natureza festeira os impedia



de realmente brigarem, transformando qualquer ofensa proferida por um anão em algo inofensivo e extremamente comum.

— Ei, seus dois pernas-compridas, vocês não vão terminar isso? Essa é uma taverna tradicional e quando meus clientes chegarem eles não vão ficar à vontade com forasteiros aqui — Falou um anão de expressão zangada e barba já grisalha, aproximando-se deles. Era o dono do estabelecimento.

— Pai, não amole os clientes! O senhor sabe que essa não é mais uma taverna exclusiva para anões e que agora todos são bem vindos aqui! — Ralhou uma jovem anã detrás do balcão.

— Tá bem! Tá bem! — Respondeu ele, antes de se afastar resmungando alguma coisa na língua dos anões.

— Desculpem o meu pai, ele ainda acha que vivemos em outra época. Mas afinal, seria muita falta de educação perguntar o que vocês procuram no nosso vilarejo?

— Claro que não. Nossa estádia aqui não guarda nenhum segredo. Nós somos servos de Lance e queremos estabelecer um templo aqui para espalhar a fé no Deus da Justiça.

— Então vocês são grandes aventureiros com poderes divinos? Eu sabia que os deuses enviariam ajuda!

— Não é para tanto, mas até que poderíamos ser úteis. Qual seria o problema de vocês? — Perguntou Sophia, com seu espírito aventureiro já inquieto.

— Garanto que é um problema no qual não seríamos úteis, Aika — interrompeu Klauss, olhando sério para Sophia. — Infelizmente não somos heróis nem nada parecido e não podemos nos desviar de nossa missão.

O Paladino levantou-se e segurou a mão da jovem. Fazendo menção em sair da taverna.

— Vamos Aika, já passou da nossa hora.

Sophia ficou um tanto confusa, mas acompanhou Klauss. Enquanto a anã, também confusa, ficou apenas olhando sem saber o que dizer.

Eles andaram alguns metros até afastarem-se do local, até que a jovem quebrou o silêncio.

— Klauss porque você fez isso? Nós poderíamos ajudar de alguma maneira. Tenho certeza que não era nada que nossos poderes não resolvessem com facilidade.

— Justamente por isso. Demonstrar nossos poderes à toa pode acabar revelando sua identidade e não sabemos até onde as notícias sobre você já chegaram. E, em segundo lugar, eu pertencço à uma ordem distinta dos paladinos de Lance, o Flagelo das Trevas. Nossa missão é combater as forças malignas por meio da propagação da fé no Deus da Justiça ou destruindo criaturas do Abismo que invadam nosso mundo. Nós nunca devemos nos desviar de nossa missão.

Sophia não concordava muito com a posição de seu companheiro, mas antes que pudesse retrucar, ambos pararam aturdidos em frente à uma loja de armas. Um cartaz afixado exibia um desenho de Sophia, ainda com os cabelos longos, e um texto dizendo: “Maga Violeta. Procura-se viva ou morta. Recompensa: vinte moedas de ouro.” O desenho não era perfeito e o cabelo ajudaria a disfarçar, mas após uma observação atenta seria possível identificá-la.

— Como eu havia dito, você deveria se preocupar mais em não revelar sua identidade.

— Como assim vinte moedas?! Isso é uma fortuna. Eles só colocam recompensas assim por criminosos muito perigosos.

— Você sabe como aqueles magos da academia são orgulhosos, eles provavelmente ficaram bastante irritados pela forma como você fugiu deles. Mesmo sendo ainda uma iniciante.

— Sim, isso é verdade. Apesar de possuírem muito conhecimento arcano, eles ignoravam um dos princípios mais básicos, que a magia é uma energia presente em toda a criação, portanto o real poder de um mago reside na inteligência com que ele vai manipular essa energia.

— Entendo que você deva ter muito a falar sobre isso, mas enquanto estivermos na rua vamos fingir que você não conhece essas coisas — disse Klauss, encerrando o assunto. — Venha, acho que sei um bom lugar onde poderíamos começar a construção do nosso templo.

Eles caminharam por alguns minutos, em silêncio, pensando no cartaz e se deveriam realmente fixar-se ali. Talvez fosse mais inteligente continuar em movimento até alcançar um lugar ermo o suficiente para que as notícias

demorassem mais à chegar, ou quem sabe nem chegassem. Contudo, perceberam que após terem revelado suas intenções aos locais, seria ainda mais suspeito abandonar o vilarejo sem motivo.

Quando finalmente chegaram, o local não passava de um grande terreno baldio nos limites do vilarejo. A grama crescia alta e uma construção de porte médio destacava-se no horizonte. Com certeza precisaria de reformas, mas o fato de ser feita inteiramente de pedra fazia com que a estrutura de uma forma geral ainda se conservasse segura e confiável.

Seria necessário bastante trabalho para transformar aquilo em algo habitável, mas pelo menos o local parecia sossegado e o terreno era um dos poucos onde seria possível cultivar algum tipo de vegetação.

— Essa casa pertencia à um anão aventureiro. Ele saiu para uma expedição no interior das montanhas há muitos anos e nunca mais voltou. Como o povo da região é muito tradicional para deixar suas casas e passar a morar na casa de um estranho, ninguém se interessou por isso aqui. Sem falar que eles também costumam ser bastante supersticiosos quanto aos túneis e as maldições que eles podem conter.

— Se eles são tão medrosos assim, por que se aventurar no interior da montanha?

— Porque também existem lendas sobre grandes tesouros e itens mágicos poderosos. O que a maioria deles acredita é que o principal motivo para os anões terem aprendido a viver na superfície, como homens, é por que alguns deles descobriram magias proibidas em túneis muito profundos. Eles estavam lidando com forças que não conseguiam controlar, portanto os túneis foram selados para impedir que o mal viesse à superfície.

— Parece bastante perigoso, mas mesmo assim eu preciso confessar que uma maga conhecida ficaria extremamente curiosa para saber o que há no interior dessas montanhas — falou Sophia, com a empolgação quase palpável em sua voz.

— É, mas é uma pena que ela não está aqui — retrucou o paladino, com um olhar severo.

— Sim, é uma pena. Vamos entrar então, quero ter uma ideia melhor do trabalho que nos aguarda.

Sophía caminhou na frente enquanto Klauss a seguia de perto, balançando a cabeça negativamente. Ele sabia que o ímpeto investigador da maga ainda estaria presente por um bom tempo, mas lhe preocupava o perigo que isso poderia representar.

Olhando de perto, a casa parecia um pouco mais deteriorada do que à distância. A porta certamente não passava de um pedaço de madeira podre e precisaria ser trocada. Alguns blocos de pedra também precisariam ser substituídos, visto que o frio intenso, aliado às tantas chuvas e dias de sol intenso, haviam cobrado seu preço. Rachaduras eram evidentes e pequenas plantas cresciam nelas.

Contudo, seriam apenas reparos superficiais, dentro de alguns dias poderiam estar habitando o local e dentro de poucas semanas ele poderia ser aberto ao público e inaugurado como templo de Lance. Talvez até mais rápido que isso, uma vez que o local pouco movimentado poderia permitir que Sophía utilizasse sua mágica para facilitar o trabalho, em determinadas situações.



Os dias passaram depressa e a velha casa finalmente ficou pronta para ser habitada. Eles instalaram-se o mais rápido possível e compraram móveis simples com o pouco dinheiro que lhes restara.

Mais dois ou três dias e o grande salão estaria pronto para receber as pessoas do vilarejo.

Eles transformaram a grande sala de estar na entrada em salão para orações, ficando com os cômodos interiores da casa isolados e com uma entrada secundária para seu acesso particular. Seriam nesses cômodos que iriam viver.

Klauss era muito habilidoso na arte de esculpir pedra e outros materiais, então decidiu que faria um ídolo para adornar o salão.

Sophía parecia contente de ver como o fato de estar tão ligada ao paladino desviou completamente qualquer suspeita que pudesse recair sobre ela. Contudo, não conseguia para de pensar nos rumores se espalhando nas tavernas.

Conforme os dias passavam eles se enturmavam mais com os habitantes locais e começavam a ouvir histórias. Uma delas relacionada a supostos desaparecimentos de viajantes e comerciantes nas trilhas abandonadas.

Todos sabiam que aquelas trilhas não eram totalmente seguras, mas muitas vezes representavam o caminho mais rápido para alguns lugares do reino. Além do que nunca se ouvira falar em alguém que desapareceu ou foi morto utilizando esses caminhos antigos, no máximo ouviam-se histórias de algum carregamento roubado ou coisa parecida.

A natureza curiosa e investigativa de Sophia não conseguia se aquietar diante daquele possível mistério, mas Klauss sempre era intransigente quanto à sua posição de não se envolver nesses assuntos. Ele fazia questão de pontuar que não era nada que a guarda de Berg ou que outros aventureiros não pudessem resolver.

Ambos concordavam com esse pensamento, mas ainda assim algo dentro dela gritava para que fosse investigar e quem sabe até descobrir algo interessante. Talvez pudesse ter mais uma chance de utilizar suas magias e impedir alguns criminosos, sem levantar muitas suspeitas.

— Aika, acho que precisamos de algumas verduras e frutas, será que você poderia ir comprar enquanto eu continuo arrumando as coisas por aqui? — falou Klauss, utilizando o nome falso, mesmo sem a presença de qualquer estranho por perto. Ele sempre se policiava para não construir maus hábitos que pudessem entregá-los.

— Sim, sem problemas.

A caminhada até a feira não foi muito longa e Sophia logo chegou ao seu destino. Contudo era importante andar bastante e passar por todos os feirantes, uma vez que era difícil cultivar plantas em Berg e isso aumentava bastante o preço das frutas e dos legumes. Uma boa pesquisa de preço antes de comprar poderia economizar uma significativa quantidade de moedas.

— Bom dia. O senhor ainda teria algumas maçãs? Não estou vendo nenhuma aqui na frente — perguntou a jovem, dirigindo-se a um senhor anão com os cabelos e a barba já grisalhos, sentado ao lado de uma barraca de frutas quase vazia.

— Bom dia, menina. Infelizmente não tenho nenhuma e lhe desejo boa sorte tentando encontra-las.

— Por que o senhor diz isso?

— Não está sabendo? Os dois últimos carregamentos de frutas que chegariam essa semana desapareceram. Eles vinham pelas trilhas antigas para tentar se livrar das taxas e não foram mais vistos.

— Essas coisas estão ficando cada vez mais frequentes não é mesmo? A guarda do reino não está fazendo nada a respeito?

— Minha jovem, eu não sei dizer se realmente estão fazendo algo, mas ouvi um boato que eles enviaram uma pequena patrulha pelas trilhas e que a patrulha também desapareceu. Estão dizendo que criaturas estranhas passaram a habitar aquelas trilhas.

— Que tipo de criaturas? — Perguntou Sophia, mal conseguindo conter sua curiosidade e a torrente de perguntas que se formava em sua mente.

— Olha, eu não sei, mas ouvi dizer que são monstros de vários braços com a pele “desbotada”. Apesar de não conseguir imaginar que tom de pele seria esse — respondeu o senhor com uma risada rouca. — Enfim, não vamos falar dessas coisas que isso traz má sorte. Tem certeza que não quer levar essas bagas-das-montanhas?

— Não, senhor. Muito obrigada — falou Sophia, saindo com a mente já acelerada pelos estranhos fatos. A vontade de investigar mais a fundo era quase irresistível.

Ela andou pela feira conversando com os comerciantes, buscando qualquer informação adicional, mas todos pareciam saber exatamente as mesmas coisas, com exceção de um ou outro detalhe exagerado, claramente inventado.

Após ter conseguido comprar algumas verduras e não muitas frutas, ela retornou para a sua nova casa. Decidida a contar para Klauss o que havia escutado e certa de que poderia convencê-lo a ajudar se insistisse o suficiente.

Sua esperança desapareceu quando os dois começaram a conversar.

O paladino era irredutível em sua posição. Ele não acreditava que tais criaturas tivessem origem maligna. Afirmava veementemente que se fossem demônios do Abismo, os seus poderes o teriam alertado sobre a presença deles. Enquanto esse não fosse o caso, ele não iria participar e proibia Sophia, enquanto na condição de iniciada da ordem, de também fazer algo a respeito.

— Eu sei que é complicado de entender, mas Lance além de ser conhecido como deus da justiça, também é conhecido como o deus do bem, ou deus da

bondade. Essas são as duas faces de nosso protetor, o bem e a justiça. A nossa ordem, o Flagelo das Trevas, representa exclusivamente o espectro bom do grande Lance. Somos os únicos com a missão exclusiva de combater o mal, então como eu já disse, enquanto as forças do Abismo não agirem nós não vamos nos envolver.

— Eu não consigo aceitar isso. O meu conceito de bondade e justiça é diferente disso.

— Isso por que não se trata de dois sinônimos para um mesmo conceito. São duas ideias totalmente diferentes. O bem vai sempre enfrentar o mal, não importa o custo e não importa o que aconteça. Agora a justiça, ela depende da situação e do julgamento, ela pode exigir que um demônio tenha a chance de se defender do seu executor em vez de ser pego em um ataque surpresa. Sei que são decisões muito difíceis as vezes, mas a nossa fé deve nos manter na linha a ser seguida, não importa o que nosso coração deseje.

A jovem ainda não estava convencida, mas a firmeza e propriedade com que seu companheiro falava a fizeram desistir da discussão. Uma parte de seu coração se entristecia profundamente por saber que não iria encontrar os bandidos, fossem eles pessoas ou monstros, e ajudar as pessoas do vilarejo. Enquanto que boa parte de sua razão tentava entender o ponto de vista do paladino e aceitar que aquele seria o seu futuro.

— Tudo bem, acho que ainda estou tendo dificuldades para me libertar da minha antiga vida — disse ela, encerrando o assunto.

Klauss percebeu a tristeza na voz de sua amiga e decidiu não falar mais nada. Ele sabia que o melhor para ela seria descansar a mente e conversar apenas com seus próprios pensamentos por algum tempo.

Sophia continuou ajudando nos preparativos para a inauguração do templo, mas sem trocar uma palavra sequer, ao longo de todo o dia. Não por que estivesse chateada com o paladino, ela realmente entendia o lado dele, mas porque seus pensamentos e emoções estavam confusos demais para permitir a ela concentrar-se em externar qualquer palavra.

Contudo, foi ao final do dia que a situação ficou realmente insustentável. Quando deitou na cama e sentiu seus músculos agradecendo pelo alívio do cansaço físico, a pressão mental aumentou ainda mais. Ela lembrou de seus amigos

e do motivo pelo qual eles morreram. Aquele filho de fazendeiro estaria morto e eles ainda estariam vivos se nunca tivessem se metido a tentar a sorte como aventureiros.

O pensamento trazia imensa tristeza para o coração da jovem, mas longe de desmotivá-la, fazia com que se sentisse quase obrigada a fazer algo pelas pessoas do vilarejo. Era como se estivesse desonrando a morte de seus companheiros ao não fazer nada. Ao não utilizar da coragem que eles tiveram quando saíram em busca daquela caverna.

Pessoas estavam morrendo e muitas outras estavam tendo suas vidas prejudicadas por esse bando que saqueava as trilhas. Mais uma vez ela sentiu que se não fizesse alguma coisa por essas pessoas, outros também não fariam.

Rápida e silenciosamente a maga despiu-se de seu pijama e vestiu-se de maneira mais adequada para um jornada. Então, da forma mais furtiva que conseguiu, ela abandonou a casa-templo e seguiu em direção à cidade.

As ruas estavam desertas àquela hora, portanto não foi nem um pouco difícil andar sem levantar suspeitas. Porém, quando chegou ao centro da cidade, Sophia percebeu que sequer possuía um plano para achar os bandidos, por mais improvisado que fosse. Era hora de parar, sentar e planejar, como ela aprendera na Academia de Magia. O poder de um mago estava muito mais na utilização planejada de suas magias do que em seu poder mágico bruto. E Sophia possuía as duas coisas.

A jovem maga sentou-se em um canto escuro entre duas casas e começou a traçar possibilidades de ação. Não haviam pessoas nas ruas com quem ela pudesse conversar para extrair alguma informação. Nas tavernas talvez ela conseguisse encontrar pessoas dispostas a falar, mas perguntar da gangue ou sobre carregamentos por chegar traria uma suspeita e atenção indesejável. Ainda mais agora que seu cartaz estava por toda a parte e as pessoas poderiam acabar reparando muito nela e percebendo a semelhança.

E foi em meio à essas ideias desmotivantes que um plano nem um pouco seguro encontrou terreno para crescer e parecer realmente uma boa ideia. Sophia viu uma carroça parada em frente à uma taverna e pensou “Não preciso juntar informações e montar quebra-cabeças, basta uma viajante sozinha com seu carregamento em uma trilha abandonada que esses bandidos devem aparecer.”



O único problema era que o dono da carroça jamais a emprestaria e certamente a maga não tinha dinheiro para comprá-la. Mas não faria mal pegar emprestado e devolver mais tarde se o dono nem soubesse que a carroça saiu dali, não é mesmo? A noite havia começado há pouco e dificilmente um anão sairia daquela taverna antes dos primeiros raios de sol.

Como as ruas ainda estavam “sem uma alma viva” não foi difícil para Sophia criar uma carroça ilusória idêntica, no mesmo lugar, enquanto ela se afastava com a original. O único detalhe que ela não havia previsto, é que o reino dos anões não era mais só dos anões e, para o azar dela, a carroça pertencia na verdade um elfo de Norwood, que viera negociar algumas peças forjadas pelos anões em troca da preciosa madeira de seu reino.

Como elfos normalmente são afetados pelo álcool muito mais rápidos que os anões, o dono da carroça já estava completamente bêbado e saiu da taverna no exato momento em que Sophia dobrou a rua com a carroça roubada. Ele ouviu o barulho, mas sequer deu atenção, uma vez que a sua própria carroça estava bem diante de seus olhos. Pelo menos até o momento em que ele tentou tocá-la e o veículo desapareceu instantaneamente.

A embriaguez fez com que ele demorasse ainda mais alguns instantes para entender o que de fato havia acontecido. Então, cambaleando na maior velocidade que conseguiu, o elfo retornou à taverna gritando à plenos pulmões que sua carroça havia sido roubada.

Foi bastante difícil encontrar alguém que lhe desse ouvidos, mas depois que dois ou três participantes o escutaram, um pequeno grupo saiu da estalagem disposto a recuperar o veículo e a ensinar uma lição ao larápio de identidade desconhecida.

Ele teve dificuldade em identificar exatamente para qual direção a carroça teria seguido, mas depois de alguns instantes um dos membros do grupo, um tanto menos bêbado, conseguiu identificar as marcas das rodas no chão duro e os justiceiros seguiram o caminho indicado.

Sophia se movia bastante mais rápido e todo o tempo perdido por seus perseguidores lhe davam uma vantagem ainda maior. Porém ela continuava imprimindo velocidade aos cavalos e planejava diminuir o ritmo somente quando entrasse nas abandonadas trilhas controladas pelos bandidos.

O plano seguiu bem até o ponto onde a maga havia planejado, mas agora nas estradas, ela não fazia a menor ideia de como atrair os bandidos para a armadilha.

“Será possível que eles possuíssem alguma forma de vigiar as trilhas, utilizando batedores ou qualquer outro meio?” ela se perguntava. Torcendo para que a resposta fosse positiva, ou ela teria que contar com a sorte para cruzar com eles. E seria uma dose de sorte considerável, uma vez que a grande quantidade de trilhas diminuía muito as chances de um encontro aleatório.

Se tivesse conseguido se acalmar e raciocinar por um breve momento, Sophia teria percebido o quanto suas preocupações eram inúteis, já que era sabido que pouquíssimos carregamentos estavam conseguindo chegar pelas trilhas, ou seja eles tinham um nível de planejamento e controle do lugar maior do que o acaso permitiria.

Contudo, de qualquer forma, o assunto só foi uma preocupação por menos de uma hora, quando a primeira flecha saiu de algum lugar em meio a escuridão e passou por cima da cabeça da jovem, com seu sibilar característico.

Sophia saltou da carroça para o lado oposto de onde partiu a flecha, buscando cobertura. Assim que caiu ao solo, seus braços se agitaram rapidamente, mas sem desespero. Muito pelo contrário, cada movimento foi feito com precisão inigualável.

— Hemzo Thuak — ela sussurrou, enquanto conjurava a magia.

Aparentemente nada mudou quando a magia foi conjurada, o que incentivou uma dupla de bandidos que aguardava do lado oposto da trilha a disparar também suas flechas.

Porém, o que eles não sabiam é que a magia conjurada pela jovem era conhecida popularmente como Manto dos Ventos, uma magia que criava uma forte corrente de ar ao redor do usuário, tornando muito difícil atingi-lo com qualquer tipo de projétil ou arma de arremesso.

Muitos dizem que a origem para o nome dessa magia derivou do fato de seu criador sempre usar um manto verde, que muitos julgavam se tratar de um item encantado responsável pela proteção do mago, e também por contarem que ele havia sido morto por uma flecha em uma ocasião na qual não vestia seu habitual manto.

Mas tudo isso não passavam de lendas que não influenciariam de maneira alguma a situação atual da maga. Tudo que ela precisava saber era que aquela magia a manteria protegida das flechas inimigas e foi exatamente isso que ela fez.

As duas flechas seguiam certeiras em direção à jovem, mas desviaram-se a poucos centímetros de atingi-la.

Em seguida, ela sussurrou mais palavras no velho idioma dracônico, enquanto movia as mãos e um globo de luz subiu alguns metros acima de sua cabeça, iluminando bastante a área.

Os cinco bandidos que espreitavam na margem da trilha perceberam que seu esconderijo havia sido violado pela forte luz e saltaram para o chão pedregoso, avançando em direção à maga.

Porém, Não foi nem o número deles nem de onde saíram que realmente surpreendeu a maga, mas sim a forma física de seus agressores.

Um deles era apenas um humano comum, mas os outros quatro eram criaturas que Sophia jamais havia visto em sua vida. Eram homínídeos altos com cerca de dois metros de altura, com a pele amarelada e áspera, parecendo quase formada por escamas.

Eles vestiam apenas trapos de um tecido leve e fino, que poderiam muito bem terem sido roupas de nômades do deserto em um passado não muito distante. Seus corpos eram musculosos e seus membros ligeiramente mais compridos que os de um humano comum.

E além de todas essas características únicas, eles possuíam dois braços enormes que pareciam crescer a partir de suas escápulas. Esses braços eram bem maiores e mais fortes do que os membros “normais” das criaturas. E suas cabeças eram quase humanas, mas possuíam fortes traços reptilianos. Eles não pareciam possuir qualquer pelo no corpo, nem mesmo cabelo, sobrancelhas ou cílios.

Sophia levantou-se e com movimentos vigorosos conjurou uma saraivada de projéteis arcanos de pura energia violeta. Eles se dirigiram um a cada alvo. O humano foi atingido e caiu inconsciente, mas as estranhas criaturas fecharam seus braços anormais à frente de si e, como se fossem escudos, os musculosos membros absorveram o impacto.

Dois deles correram na direção de Sophia, brandindo quatro cimitarras cada um. Os outros dois saltaram para os lados e dispararam uma rápida

sequência de flechas. Eles eram muito rápidos, pois enquanto um dos braços maiores segurava o arco, o outro pegava uma flecha na aljava presa à cintura e enquanto a flecha era preparada, outro braço já retirava outra. Dessa forma, eles atingiam uma velocidade alucinante, superior à qualquer arqueiro élfico que já caminhara pelo Reinado. Contudo, para a sorte da maga, a precisão deles ainda era bastante inferior, o que aliado à sua magia de proteção, fez com que nenhuma das flechas sequer chegasse perto de seu alvo.

Com os arqueiros sendo completamente inofensivos, tudo que Sophia precisaria se preocupar seria os dois espadachins, o que ela julgou não ser uma ameaça assim tão grande. A maga desviou de seus ataques, com mais dificuldade do que ela esperava, e contra-atacou com uma forte rajada de pura energia mágica. O brilho violeta os atingiu em cheio, mas a mesma tática de se proteger utilizando os braços maiores funcionou perfeitamente mais uma vez.

Parecia que além de serem bem mais robustos, eles também possuíam uma pele muito mais rígida do que a do restante do corpo. E dado à aparência esguia dos bandidos e à grade área que os dois membros juntos conseguiam cobrir, Sophia começou a pensar que havia errado em seu julgamento e a ameaça enfrentada era sim bastante grande.

Percebendo que suas flechas eram completamente ineficientes, os outros dois largaram os arcos e correram também em direção a jovem. Afinal, não passava de uma garota e eles não precisavam de armas para enfrenta-la.

Ela era rápida em conjurar seus feitiços, mas quatro inimigos que não conhecia e não sabia derrotar, ao mesmo tempo, começou a lhe parecer uma tentativa de suicídio. Pelo menos ela já sabia quem eram os criminosos que estavam atacando as estradas e só bastava pesquisar melhor para poder vencer no próximo combate. Portanto, agora bastava um jeito de garantir que ela sobreviveria até esse próximo combate.

“O velho truque básico de levantar uma cortina de poeira, conjurar uma magia de invisibilidade e uma de ilusão!” Ela pensou. E em uma fração de segundo, foi exatamente o que ela fez. Executou o mesmo truque que já salvara sua vida em outra situação.

Quando a cortina de poeira começou a abaixar, Sophia olhou para trás, enquanto corria de volta para a cidade, e viu que eles não pareciam enganados

pela ilusão e continuavam procurando por ela nas proximidades. Farejando e escutando.

Ela tomou uma nota mental de pesquisar qual seria o sentido principal daquelas criaturas, já que algo claramente dizia a eles que aquela imagem à sua frente não era real. Por sorte ela já estava mais distante e a magia de invisibilidade afetava um pouco dos outros sentidos também, além da visão, portanto parecia funcionar bem.



Os primeiros raios de sol invadiam o quarto, iluminando fracamente o ambiente simples, mas muito bem organizado.

A cama ocupava a parede oposta e abaixo da janela existia uma pequena mesa de madeira. Sentada na cadeira junto à mesa, uma pessoa poderia facilmente ver o que se passava no exterior e se distrair um pouco do que quer que estivesse lendo ou escrevendo.

Para completar o ambiente, uma estante repleta de livros tomava a outra parede por completo. Algumas gavetas na parte mais baixa guardavam coisas diversas e acima dela as prateleiras lotadas iam até o teto. Alguns dos livros já se encontravam na casa quando seus novos moradores chegaram e outros foram trazidos por eles. Inclusive um que possuía uma capa simples e desinteressante, indicando ser um livro de receitas culinárias, mas que na verdade era um grímório com magias para iniciantes. Muitas das quais Sophia ainda não tivera a chance de estudar.

A jovem maga ainda se revirava na cama, mais dormindo do que acordada, quando a porta abriu-se com velocidade. Rangendo alto e despertando-a por completo.

— Como você pôde ser tão irresponsável? — Perguntou Klauss.

Sophia sentou-se na cama, ainda aturdida por ter sido despertada de forma tão abrupta e tentou forçar seu cérebro sonolento a entender a que Klauss estava se referindo.

— Você foi imprudente se expondo dessa forma. Se alguém tiver visto você vão começar a prestar mais atenção e inevitavelmente vão associar você ao cartaz.

— Não se preocupe com isso. Eu fui bastante cuidadosa e ninguém me viu. Todos vão pensar que foi obra daqueles que estão atacando as estradas — respondeu ela ainda com a voz rouca de sono.

— Cuidadosa? Você roubou uma carroça na frente de uma taverna lotada e chama isso de “cuidadosa”? Nós vamos ter que sair daqui antes que as pessoas comecem a suspeitar.

— Não, nós não vamos, Klauss. Eu descobri quem está assaltando as trilhas e agora é questão de tempo até descobrir como expulsá-los da região. Eu me encontrei com eles na noite passada.

— Eu sei. Fui a cidade procurar alguma coisa fresca para nosso dejejum e já estão correndo as notícias de que uma carroça roubada foi encontrada nas antigas trilhas. Alvejada por diversas flechas.

— Sim. Eu esqueci disso — falou Sophia, com uma expressão de surpresa, como se uma ideia de repente iluminasse sua mente.

— Esqueceu que o dono obviamente procuraria por sua carroça e a encontraria?!

— Não, esqueci das flechas. Eu preciso voltar lá e trazer algumas pontas de flecha. Com o estilo delas talvez possa saber de onde vieram e dependendo de quanto tempo eles as possuíram, eu posso até conseguir fazer alguma magia de rastreio para encontra-los em seu esconderijo.

— Você não está me ouvindo? Essa sua ideia é arriscada demais. Você não pode continuar se envolvendo nesse caso.

— Eu não posso é continuar me escondendo enquanto pessoas lá fora precisam das minhas habilidades. Você não entende? Eu preciso fazer isso.

— Mas dessa forma você vai acabar sendo descoberta. Não é uma brincadeira, Sophia — falou Klauss, chamando-a pelo seu verdadeiro nome e assim demonstrando o quanto estava perdendo o controle da situação. — Você será morta por qualquer caçador que encontrar você! Essa gente não vai se arriscar a enfrentar uma maga cara a cara e nem vai permitir que você viva para utilizar alguma de suas magias contra eles em um momento de descuido.

— Eu sei disso Klauss! Eu não sou nenhuma idiota. Eu sei que minha vida está em jogo, mas isso tudo aconteceu por que me juntei a meus amigos e decidimos que iríamos usar nossas forças para ajudar as pessoas. Essa decisão fez com que

eles morressem sem poder ajudar uma segunda família, mas eu continuei viva e se eu não continuar fazendo o que devo fazer, é como se a morte deles tivesse sido em vão. Eu preciso honrar a memória deles. Se for para morrer tentando ajudar as pessoas, assim como eles fizeram, que assim seja. Afinal essa é ou não é a vida de um aventureiro? Por que a minha vida vale mais do que a daqueles que vão morrer por não terem os meus poderes lá para protegê-los?

O paladino olhou fundo nos olhos da maga e entendeu que não iria convencê-la do contrário. Ele sentiu que aquela poderia até ser uma alma guiada pela espada de Lance, mas por caminhos que não eram os dele.

— Então vá e faça o que acha que deve fazer, mas saiba que se sair dessa casa de novo para desrespeitar um membro mais avançado da nossa Ordem, você estará abandonando o seu caminho como uma clériga de Lance.

Ele simplesmente virou as costas e saiu com passos firmes, fechando a porta atrás de si.

Ela continuou em seu quarto, deitou na cama e refletiu sobre as suas escolhas. Ela demorou para perceber, mas descobriu em meio àquela discussão o porque de não conseguir negar o impulso para se envolver naquele caso. Agora, no silêncio do quarto fracamente iluminado, ela ouvia em sua mente as palavras que dissera para Klauss, como se fossem uma revelação que ele dissera muito mais para si mesma do que para seu interlocutor.

A lembrança de seus dois antigos companheiros vieram com mais clareza até seus pensamentos e algumas lágrimas escorreram pelo rosto da jovem. Ela tinha muito trabalho à fazer e tinha muito o que pesquisar, mas precisava de alguns minutos para se recompor antes que tudo começasse.

Depois que sua dor diminuiu, sua mente focou com mais atenção nas lembranças da noite anterior. Alguns detalhes vieram com mais clareza, como por exemplo as roupas que o único humano do grupo estava utilizando. Pelos conhecimentos de Sophia, ela poderia arriscar dizer que aquele seria um nômade do deserto ou pelo menos alguém que morasse na fronteira entre Berg e o deserto à oeste.

O deserto era uma terra pouco conhecida pelos habitantes do Reinado e tudo que eles sabiam vinha de contatos com habitantes que moravam na região de fronteira ou de raríssimas excursões feitas por grupos de aventureiros. As

excursões eram raras por que não se tinha conhecimento ou pistas sobre quais tesouros o deserto poderia guardar e por que os riscos eram muito grandes. Os grupos normalmente eram atacados por monstros da região ou perdiam seu caminho e não conseguiam retornar vivos para o Reinado.

Então sua primeira tentativa seria seguir o raciocínio de que aquelas criaturas que o acompanhavam também fossem do deserto e portanto ela estava lidando com um bando estrangeiro. Talvez algum comerciante soubesse dar melhores informações, uma vez que eram conhecidos por andarem por todo o canto do Reinado, incluindo as fronteiras mais inóspitas.

Sophia se despediu de Klauss ao sair, mas ele não respondeu ao cumprimento.

A atitude teria incomodado Sophia, mas ela estava determinada demais e triste demais para se dar ao trabalho de desviar sua atenção para uma briga tão simples. Então seguiu para a cidade a passos firmes, com a cabeça repassando milhões de possibilidades de investigar a situação.

Ela seguiu direto para a cena do confronto da noite anterior. Buscaria as flechas e só então começaria a interrogar os comerciantes. Teria sido complicado encontrar algo naquele terreno irregular com arbustos e árvores crescendo em intervalos irregulares. Mas Sophia era uma maga poderosa e inteligente, apesar da inexperiência. Portanto utilizou uma magia para ampliar seus sentidos e pode vasculhar a área com mais precisão.

Depois de aproximadamente uma hora, ela encontrou uma flecha quase intacta, presa em meio ao emaranhado de galhos de um arbusto.

A descoberta iluminou seu rosto. Ela não fazia ideia de que tipo de informação extrair daquela ponta de flecha triangular, com entalhes semicirculares nas laterais e alguns símbolos talhados no metal, que também era desconhecido para ela. Mas ela tinha uma feliz certeza de que aquilo tudo era específico o suficiente para que alguém colhesse muitas informações. Só era preciso encontrar a pessoa certa.

Depois que retornou para o vilarejo, não tardou até que um mercador mais curioso confirmasse as suspeitas dela de que se tratava de um inimigo do deserto, apesar de garantir que nunca ouviu falar sobre as criaturas que a jovem descreveu. Contudo, o comerciante indicou um velho anão que já se aventurara no deserto em



sua juventude e possivelmente teria o conhecimento necessário para ajudá-la em sua busca.

Sophia apressou-se em encontrar a casa desse Anão. Tarefa não muito difícil, já que o ancião parecia ser uma espécie de celebridade na área. Mais por seu comportamento recluso e exótico do que por algo realmente especial que soubesse fazer.

O velho Rugril morava praticamente fora do vilarejo, alguns metros acima da taverna que eles haviam ficado em sua primeira noite no local.

A casa parecia realmente antiga e possuía uma grande cerca, com arame farpado na extremidade superior e várias placas de “não perturbe”. A maga se aproximou e viu também algumas placas de “cuidado com o Lobo-das-cavernas”.

Era muito comum naquela região que os anões treinassem Lobos-das-cavernas para guardar determinados locais, da mesma forma que humanos costumam treinar cachorros. Afinal, o habitat dessas criaturas era o mesmo dos anões em seus primórdios, cavernas escuras em montanhas isoladas, portanto não é estranhos que os anões e esses animais tenham desenvolvido uma afinidade natural com o passar das eras.

Porém, apesar dos avisos, Sophia não percebeu nem sinal de que algum Lobo-das-cavernas vivesse naquele terreno. Parecia apenas que o velho Rugril não gostava de visitas e tentara uma forma inteligente de espantá-las.

A maga aproximou-se do portão e chamou algumas vezes pelo nome do velho anão, mas não obteve resposta. Chegou a pensar que ele não estivesse em casa, mas um breve movimento na cortina de uma das janelas fez com que mudasse de ideia, já que ela estava fechada e dificilmente aquela ondulação no tecido teria sido causada por alguma corrente de vento.

Ela olhou para baixo e viu que o portão estava trancado por um pesado cadeado de aço. Seria necessário ferramentas adequadas e bastante habilidade ou uma força descomunal para se livrar daquele objeto. Contudo Sophia possuía algo que supriria a falta dessas qualidades.

A jovem tocou o cadeado com uma das mãos e sussurrou algumas palavras no antigo idioma dos dragões, enquanto a outra mão realizava gestos rápidos, precisos e graciosos.

— Akhem Zolum.

Obedecendo a vontade da maga, o cadeado se abriu sem qualquer dano ou mudança aparente. Era como se alguém simplesmente tivesse utilizado a chave correta para abri-lo.

Ela empurrou o portão com um meio sorriso no rosto. Apesar de ser um truque simples, ela sempre sentia um certo prazer quando conseguia superar seus obstáculos facilmente utilizando o poder de sua magia.

Quando estava à poucos metros da entrada da residência, ela ouviu uma voz rouca e muito zangada surgir do interior da construção.

— Vá embora, antes que se arrependa! Não há nada para você aqui!

Era impressionante como um anão velho como aquele conseguia ainda possuir uma voz tão imponente.

— Há sim uma coisa que busco e que só aqui conseguirei encontrar. O conhecimento de um anão habilidoso o suficiente para se aventurar no deserto e retornar vivo.

Por alguns instantes parecia que a abordagem de Sophia conseguiria apenas o silêncio como resposta, mas a porta se abriu e um anão corpulento, de postura arqueada, cabelos grisalhos e barba também grisalha apareceu diante dela.

— Aquilo não foi habilidade, foi sorte. Eu consegui fugir enquanto todos os meus amigos foram pegos por aquelas coisas assustadoras — disse ele, fitando-a com olhos frios. — Se você está pensando em ir até aquele lugar infernal, desista dessa ideia idiota. Não há nada de valor lá e você é jovem demais para jogar sua vida fora.

— Obrigada pelo conselho, mas na verdade eu não estava pensando em ir ao deserto. Muito pelo contrário eu suspeito que alguma ameaça do deserto está causando esses transtornos ao vilarejo e pretendo ficar bem aqui para resolver o problema.

— Isso não me parece possível. Em toda a minha vida, nunca vi um nômade ou qualquer criatura do deserto avançar muito além da fronteira. Eles tem o próprio estilo de vida e conseguem o que querem naquele lugar amaldiçoado, não tem qualquer interesse em nós e nas nossas terras.

— Você tem certeza que isso aqui não tem relação com as criaturas do deserto? — Falou Sophia, retirando as pontas de flecha de sua bolsa e mostrando para o anão. — Eu encontrei isso na cena do último ataque.

Rugril olhou com seriedade para aquelas pontas afiadas. Ele conhecia muito bem a arte do aço-do-deserto. Uma técnica antiga passada dos anões para o povo das areias há muitas eras. Uma forma de criar um metal quase tão resistente quanto o aço comum, mas com uma dureza muito superior que permitia um fio muito mais mortal.

Contava-se que o aço-do-deserto utilizava uma mistura de quartzo com ferro que o tornava tão especial, mas a técnica foi há muito esquecida pelo anões e atualmente era dominada apenas pelos povos do deserto. Poucos habitantes do reino das montanhas sequer lembravam de sua existência. Tratando muitas vezes o assunto como uma lenda a ser contada em volta da fogueira.

Porém o que mais avivou a preocupação do velho foram os símbolos talhados no metal. Ele precisaria consultar seu material antes de ter uma conclusão sobre o quanto aquilo era ruim, mas sabia dizer de imediato que seria um problema digno de atenção.

— Jovem, se o que você diz é verdade e isso está ligado com os problemas recentes na região, temo que estamos enfrentando um problema bastante urgente. Venha, apesar de você ser uma humana eu vou permitir que entre em minha casa. A segurança do vilarejo é mais importante.

Sophia achou estranha a mudança de comportamento do velho, mas seguiu-o em direção ao interior da casa.

— Feche a porta e sente aí — disse ele, apontando um sofá e seguindo com passos apressados para um cômodo que parecia ser um quarto. — Eu preciso procurar um livro que encontrei ainda em meus tempos de aventura. Espero que ele ainda esteja em algum lugar por aqui.

Enquanto esperava, a jovem reparou nos detalhes da casa do anão. O teto parecia ligeiramente mais baixo que o comum e a mobília parecia ser idêntica ao que se encontraria em qualquer casa simples de humanos do Reinado, exceto pelas dimensões também reduzidas.

Além disso, outro aspecto chamava atenção. Apesar da casa parecer bastante simples, como era costume dos lares de anões, haviam livros espalhados

por toda parte e alguns outros adornos, copos e pratos de várias partes do Reinado. Os itens indicavam que o velho ainda possuía apreço pela sua vida de aventureiro, uma vez que o máximo de adornos que a casa de um habitante das montanhas possuía era um troféu de batalha ou uma arma bem forjada. Eles sempre desprezavam tudo que não fosse de sua própria terra.

Alguns minutos se passaram enquanto Sophia observava os detalhes exóticos dos itens espalhados pela casa, até que o seu anfitrião retornou com um pesado livro em mãos. Ele possuía a capa de couro e as páginas de papíro, algo que a primeira vista parecia tanto rústico quanto antigo.

Ele sentou-se ao lado dela, abriu o livro em uma página já marcada e o entregou para Sophia.

A jovem olhou para as páginas e espantou-se ao ver desenhos com aspecto de rascunho que eram idênticos às marcas gravadas nas pontas de flecha.

— Isso aí menina, é um livro muito raro que consegui com uma pessoa ainda mais rara. Um dos poucos anões magos que o mundo jovem já conheceu. Contudo no mundo antigo, a magia já foi comum entre boa parte dos anões, mas não essa magia que vocês conhecem hoje em dia. Naquela época as artes praticadas eram muito mais sombrias e perigosas.

— Você está se referindo à magia do Abismo? Nunca imaginei que iria encontrar um livro sobre isso, muito menos que seria em Berg.

— Humana, você está até parecendo um elfo com toda essa presunção. Aqueles malditos, com suas orelhas pontudas e longevidade muita acima do confiável, costumam manter um ar de sabedoria e fingir que inventaram tudo que conhecemos hoje. Mas fomos nós, aqui nas montanhas, que inventamos quase tudo que eles conhecem. Os anões são inventores por natureza.

— Está me dizendo que os anões ensinaram magia proibida para os elfos? Difícil de acreditar. Como você mesmo disse, quase não existem anões magos e a magia comum derivou da magia do abismo. Isso eu sei.

— Você deve ter sangue elfo em algum lugar dos seus antepassados, garota. Sim os anões foram criados por Lilith a deusa da noite, bem como todas as criaturas da noite, os mortos-vivos e os seres de poder inimaginável que habitam as profundezas da terra. Exatamente por isso os anões eram criaturas da escuridão e viviam em seus tuncéis nas montanhas. Até que alguns anões cavaram fundo demais

e chegaram perto demais dessas criaturas malignas que habitam as profundezas. Foram essas criaturas que ensinaram aos anões os segredos da magia do Abismo. Porém meu povo viu o quanto essas artes das trevas eram perigosas e baniu essas práticas de nossa cultura quando viemos habitar na superfície. Não preciso nem dizer que isso gerou o afastamento entre o nosso povo e qualquer espécie de magia, por muitas e muitas eras.

— Mas nessa época os elfos ainda não tinham contato amigável com os anões a ponto de trocarem esse tipo de conhecimentos. Como eles conseguiram acesso à magia proibida?

— O que tem de presunçosa tem de ingênua. Nem tudo que é proibido é esquecido ou deixado de lado. Caso contrário nem estaríamos conversando sobre essas coisas hoje. E toda guerra tem seus traidores, garota. Muitos dos nossos acharam que os elfos nos venceriam e fugiram para morar com aqueles engomadinhos das florestas. Pelo menos eles serviram para purificar essas artes e nos deram a magia que conhecemos hoje. São inúteis mas serviram para alguma coisa.

— Entendo, realmente faz sentido, mas essas flechas não pareciam ter nenhum encantamento e aquelas criaturas que as utilizavam não pareciam ser usuários de qualquer tipo de magia.

— Sim, esses símbolos talhados não possuem poder em si. Eles são símbolos de adoração apenas. Diferente dos dias de hoje, as artes proibidas eram um misto entre a magia arcana lógica que conhecemos e os poderes divinos utilizados pelos clérigos. Portanto, seus usuários acreditavam que, por mais que conhecessem as fórmula mágicas, o poder que as alimentava vinha direto das próprias criaturas que lhes forneceram o conhecimento. Por isso eles as adoravam, quase como se fossem divindades — falou o anão, pegando novamente a ponta de flecha e aproximando-a dos olhos — Porém o que mais me intriga é que tudo isso sobre a adoração é ainda mais antigo e esquecido que a própria magia do Abismo em si, mas essas marcas não. Esse metal e essas marcas são novos.

— Você acha possível que alguém esteja tentando reviver esse culto? Pode ser que ele tenha sobrevivido no deserto depois de algum anão ter levado esse conhecimento para lá, como aconteceu com os elfos.

— Impossível. Naquela época meu povo estava ainda saindo das cavernas escuras quer tínhamos como lar. Nenhum anão migraria para o deserto para ficar exposto a toda aquela luz. Sem contar que aqueles que não eram devotos às criaturas das profundezas, eram devotos de Lilith, portanto não iriam se aventurar no deserto, que todos sabemos ser criação e domínio de Heliak.

— Mas você está vendo a prova aí em sua mão. Eu lutei contra o povo do deserto.

— Não estou mais duvidando que o povo do deserto está envolvido, garota. Mas estou dizendo que tenho a certeza de que não são a mente por trás disso. O povo do deserto não tem muito conhecimento sobre magia, vivem em muitas tribos de nômades e várias outras criaturas também vivem lá, em eternos conflitos territoriais. Se alguém fizesse uma boa demonstração do poder do Abismo, poderia facilmente conseguir alguns mercenários com a promessa de que eles dominariam sobre seus inimigos.

— Quem você acha que poderia estar por trás disso então?

— Eu não sei ao certo, mas tenho uma suspeita que há algum tempo me assombra. Diversas vezes senti uma presença sinistra nas montanhas que você vai poder ver se sair pela porta dos fundos. Elas estão há poucos quilômetros daqui e foram o lar de um pequeno grupo desses anões que utilizavam magia proibida. Temo que a fonte desse mal que assola a cidade esteja lá.

— Mas como você mesmo disse esses conhecimentos se perderam em seu povo há muito tempo e provavelmente ninguém mais mora lá. Você não acha que talvez seja trabalho de algum elfo ou humano que tenha conhecimento sobre esses assuntos?

— Garota, acho que você não entendeu muito bem como aconteceu a proibição dessas artes. Eu vou te contar mais alguns detalhes — Disse o velho anão, assumindo uma expressão sombria e ao mesmo tempo triste — Nós anões sempre fomos um povo muito duro e que lida com seus problemas de uma forma direta. A força sempre nos foi um meio para nossos objetivos, o que realmente espanta quando pensamos que somos criaturas de Lilith e não de Valk, mas de qualquer forma o importante é saber que essa sempre foi nossa natureza. Então quando parte de meu povo começou a perceber que a magia do Abismo era algo perigoso, começaram a surgir conflitos entre os magos e os não magos, com

discussões que por vezes chegavam a brigas e mortes. Com isso, os magos começaram a viver em colônias segregadas em seções mais profundas das cavernas, mais próximos de seus mestres. Mas alguns magos foram prudentes o suficiente para abandonarem essas artes e voltarem para os que eram contra, que eram também a maioria. Esses cultistas foram então responsáveis pela criação de um ritual de contenção, que foi conjurado em pedras utilizadas para selar essas colônias de magos, impedindo que eles alcançassem a superfície para sempre.

Ele se levantou e caminhou pela sala de estar, até próximo da janela. Um olhar vago e cheio de pesar foi lançado para um ponto qualquer do horizonte.

— Sim, garota. Essa não é uma história contada com frequência entre nós e poucos são os forasteiros que já a ouviram. Não é uma história de glória, mas de traição. No lugar de um debate ou de uma guerra justa, o meu povo preferiu, eras atrás, agir covardemente e aprisionar seus próprios irmãos e irmãs em suas cavernas enquanto dormiam. Para que morressem de fome, sede ou qualquer outra maneira miserável e indigna.

— Sinto muito — disse Sophia, sentindo o quanto foi difícil para seu interlocutor, com todo o seu orgulho anão, contar tudo aquilo.

— Não sinta. Tudo isso foi há muitas eras e meu povo já esqueceu quase que completamente essa mancha em nosso passado. Só um velho tolo e curioso ainda se importaria com tais histórias, mesmo tendo vivido muito tempo após elas. Mas não foi para que sentisse pena de mim que lhe falei essas coisas. Foi porque os meus antepassados erraram em não lembrar que a magia do abismo já tinha escapado antes, junto com aqueles que haviam nos abandonado para lutar pelos elfos, e temo que também tenham errado em serem covardes e trancarem seus irmãos tão próximos das criaturas que lhes davam todo o poder e conhecimento. Se algum anão conseguiu sobreviver, dominar os segredos da magia do Abismo e controlar aquelas entidades, ele poderia hoje ser quase tão poderoso quanto uma divindade menor. Ou mais.

— E o quão forte você acha que pode ser esse selo?

— Eu não sou um mago para avaliar, mas ele foi feito com magia primordial e contam as lendas que os envolvidos na criação do selo não sabiam, mas estavam fazendo algo tão poderoso que os matou no processo.

— Isso deve ser capaz de impedir qualquer coisa maligna de sair sozinha lá de dentro. Normalmente magias assim são realmente muito poderosas. Porém é possível sim que qualquer coisa que ainda viva lá dentro possa ter ficado poderosa o suficiente para se comunicar com a superfície e convencer outros a libertá-lo.

— Você parece saber o que está dizendo, garota. Você é alguma espécie de maga?

— Não, sou apenas uma estudiosa do assunto e uma aventureira habilidosa — disse Sophia, ainda com medo do perigo que poderia significar revelar sua identidade.

— Seria melhor para nós se você fosse uma, mas de qualquer forma, se sua teoria estiver certa nós precisaremos de ajuda ou sabe-se lá quantos irão morrer. O que quer que esteja tentando escapar daquelas cavernas vai sair com uma sede insaciável por sangue anão. Você não gostaria de usar seu conhecimento e investigar para nós? A guarda da cidade está muito preocupada com os saques e pensam que são bandidos comuns, nunca dariam ouvido há um velho como eu sem algumas provas.

— Sim, eu posso cuidar disso. Se essa coisa realmente está conseguindo se comunicar com o lado externo, ela deve ter convencido alguém a conduzir seu plano e essa pessoa responsável pelas ações deve estar se escondendo lá nas cavernas.

— Boa sorte, garota. E tome muito cuidado.

Sophia despediu-se do anão e saiu pela porta dos fundos. Dali não conseguia ver as entradas das cavernas, mas já era possível sentir uma presença ameaçadora naquelas montanhas.

A medida que a jovem se aproximava, era possível enxergar algumas entradas nos paredões rochosos e pequenas trilhas que as ligavam ao sopé e entre si. A sensação de perigo aumentava também. Era como se alguma força maligna tentasse espantar qualquer curioso.

Quando começou a subir a trilha no sopé, ela percebeu que não ouvia mais criaturas se movendo por entre os arbusto que cercavam a região ou mesmo o canto de pássaros. Isso fez com que aquela presença se tornasse ainda mais forte e opressora.

Primeiro Sophia começou a julgar que não suportaria aquilo por muito tempo, então o pensamento a fez cogitar a possibilidade de voltar para a casa do



anão e pensar em outra forma de resolver a situação, que não envolvesse ir até as cavernas. Logo ela percebeu-se com uma vontade quase incontrolável de correr em direção oposta àquelas montanhas, o mais rápido que suas pernas conseguissem.

— Grande Valk, esta humilde serva pede pela tua coragem, para que possa enfrentar e destruir seus inimigos. Emprresta-me teu machado e tingido com sangue ele retornará — sussurrou Sophia, lembrando-se de uma velha prece que os devotos da Deusa da Coragem faziam antes de suas batalhas.

Se era o poder da deusa ou o simples fato da maga focar sua concentração naquelas preces ela não queria saber. O importante é que parecia estar funcionando. Então ela continuou repetindo aquilo como um mantra, durante toda a subida, até alcançar a primeira entrada.

A distância, ela julgou que aquela seria apenas uma entrada de caverna normal, mas agora, olhando de perto, a maga podia perceber como a rocha fora lapidada para ter uma aparência artificialmente mais regular. Além disso, vários símbolos adornavam seu contorno. Símbolos que Sophia não era capaz de decifrar, mas que se assemelhavam muito a alguns que ela viu folheando o livro ancestral que o velho anão lhe mostrara.

Alguns passos adentro da caverna e a luz do exterior não era mais capaz de iluminar o seu caminho. Não havia qualquer sinal de outra fonte de iluminação vindo do interior da caverna.

— Hoak Akthu — sussurrou ela, antes de uma esfera de luz se formar acima de sua cabeça e iluminar o interior da caverna.

Ela continuou pelo túnel, até que algo a fez para e examinar o solo. Era estranho como a distribuição da poeira naquele chão rochoso era irregular, com um acúmulo muito maior nos cantos que no centro. Assim como as teias de aranha pareciam se formar apenas próximas ao teto e paredes, sem nenhuma atravessando o corredor estreito. Estava claro para ela que os túneis estavam recebendo movimentação recentemente.

A maga seguiu com mais cautela, até que começou a escutar algo que pareciam ser vozes. Então, obedecendo à sua vontade, a esfera de luz reduziu seu brilho até se tornar algo fraco como uma vela e começou a flutuar à frente de Sophia, bem próxima ao chão.

Ela chegou à uma bifurcação, onde os sons pareciam vir da esquerda. Portanto ao tomar a decisão de seguir os sons concluiu que eram realmente vozes e o porque de não ter identificado a conversa imediatamente. Os dois elementos não falavam no idioma comum, eles usavam um idioma conhecido como “língua do sol”. Um idioma muito usado pelas regiões próximas à fronteira com o deserto e idioma oficial dos habitantes do deserto, bem como dos devotos de Heliak.

Por sorte, Sophia como maga foi ensinada a conhecer diversos idiomas e a língua do sol não era o seu favorito, mas era um deles.

“Eles já estão começando a nos encontrar! Meus homens foram atacados por uma feiticeira! Ou você nos dá de uma vez o que foi combinado, ou vou levar meus guerreiros de volta para casa!” Reclamava uma voz rouca e gutural.

“Paciência, eu ainda não consegui a força necessária para libertar o grande mestre. Se os sacrifícios de hoje não forem suficientes, os próximos já o serão. Em vez de ficar reclamando para mim, vá encontrar mais sacrifícios para que eu vencer logo esse ritual. Tenha certeza que eu e o mestre estamos muito mais ansiosos pela quebra do selo do que vocês.” Retrucou uma voz com forte sotaque montanhês que, apesar de mais suave, fazia Sophia sentir que seu dono era muito mais perigoso em comparação ao primeiro indivíduo.

Com aquela troca de frases a maga logo entendeu o que estava acontecendo. O anão estava certo e o responsável real por tudo aquilo era na verdade alguém que contratou mercenários do povo do deserto, por meio da promessa de algum tipo de poder. Enquanto que estes, por sua vez, serviam-lhe sequestrando pessoas para serem sacrificadas.

Com os saques para disfarçar a morte e o sumiço das pessoas, o plano ficava camuflado e não levantaria sequer um lampejo de suspeita.

Sophia estava concentrada tentando pensar em qual seria seu próximo passo, se deveria atacar de imediato, pegá-los desprevenidos e acabar com tudo ou se deveria voltar para a casa do velho anão e pedir ajuda. Ela não conhecia os inimigos e sua força poderia não ser suficiente, ou ela poderia estar perdendo uma chance única, onde o líder do bando do deserto e o mentor de todo o plano encontravam-se no mesmo local, na mesma hora.

De qualquer forma, o som de passos crescendo em sua direção interrompeu sua concentração antes que ela pudesse se decidir.

A jovem era uma conjuradora muito hábil, então percebendo que não teria para onde fugir em um túnel estreito e longo como aquele, conjurou uma magia de invisibilidade e colocou-se agachada junto à parede. Tentando da melhor forma possível se colocar em uma posição em que não fosse tocada acidentalmente por quem quer que estivesse vindo. Após isso, apagou por completo a esfera mágica usada para iluminar o caminho e aguardou.

Uma fraca iluminação surgiu alguns metros à frente no túnel, como se ali houvesse uma curva e alguém estivesse vindo de lá com tochas. Era exatamente isso que Sophia constatou estar acontecendo, quando duas figuras altas, com quatro braços, apareceram de repente. Cada um dos habitantes do deserto trazia consigo uma tocha na mão esquerda e uma pequena lança na direita. Contudo, o maior deles carregava ainda uma espada e um escudo com seus dois braços extras.

Os dois pararam imediatamente após realizar a curva e Sophia temeu ter sido descoberta, mas eles olharam para trás, como se o motivo de eles terem parado estivesse na parte do túnel que a visão de Sophia não alcançava. Então, eles cochicharam algo ininteligível e seguiram caminhando.

A maga ficou mais aliviada a medida que se aproximavam e conversavam tranquilamente em algum dialeto próprio de sua tribo, sem parecer sequer desconfiar que a maga estivesse ali à frente deles.

Era bastante comum que as tribos do deserto tivessem seus próprios dialetos e usassem a Língua do sol apenas para conversar com indivíduos de fora da tribo.

Sophia os acompanhou com os olhos enquanto se aproximavam e respirou aliviada quando passaram por ela. Mas assim que deram um passo à frente da posição onde a maga estava escondida, o maior deles se virou com uma velocidade impressionante e, pegando a jovem desprevenida, perfurou-lhe o ombro com sua lança.

O ataque teria atingido o coração, não fosse pelos reflexos rápidos de Sophia.

Ela soltou um grito agudo que preencheu o ambiente e Sophia temeu que a figura desconhecida, cuja qual conversara com o líder da tribo alguns instantes antes, pudesse vir acudi-los. Seria sua sentença de morte lutar ferida contra dois

guerreiros habilidosos como aqueles e um mago experiente, como parecia ser o homem por trás de todo o plano.

Porém, ela não sabia que logo atrás do lugar onde conversaram, havia uma pesada porta metálica que dava para uma escadaria longa, levando aos níveis inferiores das cavernas. E onde o mago se encontrava agora, os sons da batalha não o alcançariam.

Mesmo temendo o pior e sentindo uma dor aguda percorrer o seu corpo enquanto seu braço se movia rapidamente, ela recorreu à única saída que podia vislumbrar em sua mente. Ganhar espaço.

Todos sabiam que a melhor forma de vencer um mago era se aproximando dele. Toda magia necessita de seus componentes gestuais e orais para ser conjurada, então um guerreiro ágil faz com que seja quase impossível invocar algum feitiço sem ser atingido antes. Porém Sophia era justamente uma das poucas conjuradoras que faziam o “quase” existir nessa frase.

À despeito da dor, seus movimentos não desaceleraram nem perderam a precisão e obedecendo aos comandos dados no antigo idioma dos dragões, uma rajada de vento fortíssima empurrou os guerreiros do deserto alguns metros pelos túneis, dando à Sophia a chance que ela precisava para conjurar outra magia.

Contra qualquer outro inimigo, ela conjuraria alguma ilusão ou magia de invisibilidade e fugiria, mas sabia que esses truques não iriam salvar-lhe a vida dessa vez. Portanto ela atacou.

— Loteh akhem Thukhar — sussurrou ela, quando rochas em formato de estacas moldaram-se do chão, teto e paredes e atacaram seus inimigos.

O menor dos habitantes do deserto foi perfurado em vários pontos vitais e tombou completamente imóvel. Enquanto que o maior protegeu-se de boa parte dos ataques utilizando seu escudo e rebateu quase todos os que restaram com um movimento circular de sua espada. O aço do deserto era realmente muito forte e a espada partiu os espinhos de rocha, como se fossem de algum tipo qualquer de madeira bastante macia.

Com apenas alguns poucos ferimentos leves, o líder da tribo avançou na direção de Sophia e atacou com sua lança.

Ela esquivou-se com certa facilidade e preparava-se para conjurar uma magia, quando foi obrigada a desistir para evitar um golpe de espada. Porém,

apesar de ser ágil e de o tamanho de seu oponente fazer dele um tanto lento, a maga não foi capaz de evitar o golpe desferido com o escudo.

Ouviu-se o baque seco, com um leve fundo metálico, e Sophia cambaleou para trás, sentindo uma dor que a fazia temer por um ou outro osso quebrado no impacto.

Ela se manteve em pé com dificuldade, mas reagir estava fora de questão. Antes que começasse a fazer qualquer coisa, teve que realizar um grande esforço para desviar da lança novamente, para então sentir a espada passando à centímetros de seu pescoço e ser por fim atingida mais uma vez pela forte pancada com o escudo metálico.

Dessa vez a caverna inteira pareceu girar e as costas da jovem encontraram o chão depois de alguns passos vacilantes para trás.

Ela pensou que seria o seu fim, mas aos poucos seus sentidos foram retornando e o golpe final não veio. Então a maga conseguiu colocar-se de joelhos, olhando para seu inimigo, ainda no local que estava quando a golpeou e com uma postura bastante tensa.

Foi difícil entender por que ele permaneceu ali e não atacou, mas um fraco brilho dourado sobressaiu-se ao brilho das duas tochas no chão, vindo de trás de Sophia.

— Calma, garota. Esse lugar é apertado demais para você brigar da forma que sabe. Mas deixe comigo que eu sei lutar do jeito que esse aí luta — disse Klauss, apenas alguns passos atrás dela.

— Eu não sei como você chegou aqui, mas pensei que não se interessasse por esse assunto — falou ela, pondo-se de pé com um sorriso de alívio do rosto.

— Eu não deveria me meter mesmo, mas se alguém está tentando libertar uma entidade menor que ensina magia do Abismo para as pessoas, isso passa a ser assunto meu — respondeu ele, passando por ela e caminhando na direção do líder da tribo.

O habitante do deserto avançou, tentando iniciar a mesma sequência de golpes que utilizou com Sophia, mas Klauss colocou a palma de sua mão à frente da ponta afiada e uma luz muito forte brilhou quando a lança encontrou sua mão, estraçalhando a arma. Isso fez com que o gigante recuasse.

Então foi a vez do servo de Lance atacar com seu pesado martelo. O golpe foi tão forte que apesar do escudo, o habitante do deserto sentiu que seu braço poderia se quebrar com outro golpe daquele.

O contra-ataque passou pela cabeça do chefe da tribo, mas o tempo que ele precisou para se recompor foi o suficiente para que o martelo encontrasse novamente o seu caminho até o escudo.

O esforço de manter o escudo erguido a cada golpe era grande demais até para um inimigo robusto como aquele. Então ele vacilou por um instante apenas e o pesado martelo de combate atingiu o peito do inimigo, com uma força tão grande que foi possível ouvir alguns ossos se partindo.

Quando Klaus se aproximou para verificar a situação de seu oponente, ele já estava sem vida.

— Você está bem? Ainda temos mais coisas a resolver por aqui — falou o servo de Lance, agora caminhando na direção de Sophia.

— Talvez tenha algum osso quebrado aqui ou ali, mas eu já estive pior — respondeu ela, com um meio sorriso.

Klauss encostou com uma das mãos no ombro da jovem e um brilho dourado surgiu. Quando ele retirou a mão a ferida haviam se fechado e boa parte da dor que ela sentia pelo corpo havia diminuído. Um novo ânimo tomou conta da jovem, como se quase todo o seu cansaço tivesse desaparecido.

— Não é o suficiente para você se sentir completamente recuperada, mas depois que terminarmos isso aqui você vai poder repousar e recuperar adequadamente suas feridas.

— Sim, eu gostaria muito de poder descansar um pouco agora. Mas acredito que não possamos mesmo.

— De forma alguma. Eu andei fazendo uma pesquisa e parece que um número realmente grande desaparecimentos foram camuflados com essa estratégia deles. Temo que se adiarmos mais esse confronto ele possa libertar essa entidade à qualquer momento.

— Então, se não há outra opção, vamos andando — disse ela, caminhando em direção à curva que levava cada vez mais para o interior do túnel.

Assim que viraram, Sophia invocou novamente sua magia de iluminação e ambos puderam ver uma pesada porta dupla de metal à frente deles. Ela possuía

várias inscrições mágicas por toda a sua extensão e não era possível identificar qualquer tipo de fechadura.

— Acho que consigo dar um jeito nessa porta — falou Klauss, golpeando com toda a sua força.

Ao atingir a porta, uma onda de impacto surgiu e jogou o paladino à alguns metros de distância.

— Não quero duvidar de você, mas acho que não desse jeito — falou Sophia, com um meio sorriso. — Você está bem?

— Sim, não foi nada demais. Foi como se algo tivesse me empurrado para longe. Isso é muito estranho, o encantamento desse martelo deveria ser útil contra qualquer coisa que exista ou se mantenha pelas energias das trevas.

— Essa porta é sim muito antiga e possui um encantamento muito antigo, mas há também energias novas, de alguém que reativou o encantamento. Portanto ela não funciona mais à base de Magia do Abismo. Eu conheço esse tipo de proteção. É de se esperar que essa porta só abra para fora e que seja muito simples manuseá-la por dentro, mas que nada que fizermos aqui pelo lado de fora consiga movê-la.

— Então como abriremos essa coisa?

— Sabendo as palavras corretas.

— Estou esperando que agora será a parte em que você diz conhecer as palavras.

— Eu conheço algumas palavras para encantamentos desse tipo, mas estou muito longe de conhecer todas. E mesmo que conhecesse, acho que esse ainda seria um encantamento antigo demais para estar dentro dessas “todas”.

— Ótimo, então está dizendo que a única coisa que podemos fazer aqui é sentar e espera-lo sair?

— Não, mas eu preciso sentar e pensar em algo. Imagino que dificilmente será alguma palavra no antigo idioma dos dragões, provavelmente será algo em élfico arcaico ou no idioma dos anões.

Sophia sentou-se, com as pernas cruzadas, de frente para a porta e fechou os olhos. Ela permaneceu nessa posição por alguns instantes, em silêncio até que Klauss quebrou esse silêncio.

— Como você tem certeza de que é alguma palavra antiga dos elfos ou anões?

— Por que esse encantamento é da época em que os anões aprendiam a Magia do Abismo, ou quando os elfos começaram a purificá-la. Então eles deviam usar suas próprias palavras para realizar os encantamentos. Já a magia que utilizamos nos dias de hoje faz uso do antigo idioma dos dragões. Existem várias versões de como a magia surgiu, passando por cavernas de anões no início do mundo, estudos élficos e dádivas dos deuses dragões concedidas aos homens. Ninguém sabe onde está a verdade, mas o fato é que encantamentos e magias de várias eras diferentes apresentam sim características bastante distintas.

Sophia levantou-se logo após dizer essas palavras e aproximou-se da porta quase que em transe, concentrando-se completamente em cada detalhe do metal a sua frente e ignorando que mantinha uma conversa com o paladino até instantes atrás.

Ela estendeu a mão e tocou o metal gelado com a ponta de seus dedos. Então seus dedos correram de um lado para outro da superfície com suavidade. Seus olhos se fecharam e tudo aquilo pareceu tão ritualístico que o servo Lance não conseguiu interromper. Ficou apenas parado olhando, enquanto a maga parecia tentar encontrar alguma coisa.

Sophia continuou concentrada, como se soubesse exatamente o que procurava, mas também soubesse que precisaria de todo o seu esforço e conhecimento para encontrar. Até que, parecendo que suas buscas haviam se encerrado, ela ainda de olhos fechados colocou as palmas de suas duas mãos sobre a porta. Por uma fração de segundo, um leve brilho violeta pareceu surgir desse contato e as portas se abriram.

— O que eu estava te dizendo fez com que eu matasse a charada. Realmente as formas de realizar os encantamentos ao longo do tipo variam bastante, mas todos se resumem a concentrar nossa própria energia interna e moldá-la de acordo com nossa vontade. Essa é a definição mais básica do poder mágico.

— Então se era só fazer isso, esses encantos não me parecem muito seguros.



— Sim eles são. Normalmente para usar a sua própria energia mágica para desfazer um encanto é preciso conhecer muito bem a magia utilizada, mas desde bem cedo eu descobri na academia que eu parecia ter um poder bastante especial. Não encontrei ninguém que soubesse o porquê, mas se eu me concentrar bastante as vezes consigo “entender” um magia, quase como se a tivesse memorizado. Então eu tentei fazer isso com este encantamento aqui e funcionou — explicou a maga, já pisando para o interior do pequeno cômodo vazio que possuía uma longa escadaria descendente.

Já nos primeiros degraus era possível sentir uma poderosa presença maligna vindo das profundezas. A medida que desciam a presença se tornava cada vez mais forte.

O fim da descida era um salão retangular de teto alto e bastante amplo, pelo menos para uma estrutura subterrânea esculpida na pedra bruta. Vários símbolos mágicos adornavam o salão, todos desconhecidos pela maga e parecendo ter alguma semelhança com a antiga língua dos anões.

Muitas pessoas de diversas raças e idades estavam acorrentadas às paredes. Algumas mortas, outras com olhares desesperados e umas poucas ainda agonizando enquanto a vida se esvaía de seus corpos pelo corte em suas gargantas.

Uma figura baixa e atarracada, vestindo um manto negro, aproximava-se de mais uma das pobres vítimas para selar seu destino. Claramente se tratava de um anão, mas sua pele parecia um tanto quanto mais pálida do que o normal.

Na extremidade oposta da qual desceram, havia um grande arco desenhado na pedra com uma substância bastante escura de tom marrom avermelhado. Na parte externa do arco várias runas arcanas estavam desenhadas, alguma parecidas com as demais espalhadas pelo aposento e outras lembrando a velha escrita élfica, difícil de não ser notada devido aos seus traços de tamanha delicadeza que somente os elfos poderiam produzir.

Na parte interna do arco, a rocha tinha um aspecto translúcido e fantasmagórico, como se fosse na verdade uma membrana ondulante que separava o mundo em que viviam de uma dimensão muito mais gélida e sombria. A presença que sentiram parecia emanar dali e a forma com que invadia suas mentes inspirava um terror que os desconcentrava.

— Vamos! O encanto já está quase desfeito! — Gritou Sophia, logo antes de conjurar uma grande bola de fogo contra o anão.

Os dois ficaram espantados quando, com um movimento do braço esquerdo, um círculo de completa escuridão surgiu, engoliu completamente o ataque de Sophia e desapareceu.

Klauss correu na direção do inimigo, mas uma criatura humanoíde feita inteiramente de trevas bloqueou seu caminho. Era parecido com um soldado sem face utilizando uma espada e um escudo, mas tanto o inimigo quanto suas armas pareciam feitos da mesma matéria negra. Algo parecido com o que seria uma sombra sólida.

O inimigo sombrio atacou o paladino e ele pôde sentir o peso do golpe quando aparou a espada utilizando seu martelo. A criatura era real e sua força não poderia ser subestimada.

— Tente chegar até o anão e interromper o ritual, eu cuido desse aqui — falou Klaus, enquanto desferia uma sequência de golpes que o inimigo defendeu com seu escudo.

Sophia correu ao redor deles, dando a volta e seguindo na direção do anão. Ele então largou sua adaga, já com a lâmina tingida de sangue, e virou-se para a maga.

Ela parou por um instante, aturdida. Os olhos do bruxo eram totalmente negros e sua face esboçava uma expressão fria e sem vida. Não era como um morto-vivo, mas também não era uma pessoa normal. Aproveitando o momento de hesitação da maga, ele esticou as duas mãos a frente e espinhos negros surgiram das pontas de seus dedos, atingindo os grilhões que prendiam três cadáveres e seus corpos caíram ao chão com um baque surdo.

Um brilho pálido tomou conta dos olhos negros do anão e os três cadáveres levantaram em resposta.

— Ele acaba de ressuscitar os três sem conjurar qualquer magia! Estamos lutando contra um maldito lich! — Gritou Sophia, virando-se e conjurando estacas de pedra que lançaram os zumbis de volta contra a parede.

O desespero da maga era justificado, lichs eram criaturas muito poderosas que podiam ser classificados como mortos-vivos, mas que ao contrário de todos os outros mortos-vivos eram capazes de utilizarem magias e itens mágicos. E o mais

perigoso sobre eles era sua habilidade de resistir a diversas magias e renascer eternamente, desde que o amuleto que contendo sua alma continuasse intacto. Portanto normalmente esse amuleto era muito bem escondido.

Sophia lembrou então, tarde demais, que os lichs além de poderosos, também possuíam em sua maioria uma inteligência muito superior à média. Portanto, porque ele simplesmente reanimaria três zumbis desarmados quando poderia utilizar algo mais poderoso de seu arsenal de magias? Uma distração, deduziu a maga.

Quando virou-se, ela teve apenas tempo de evitar que a lança, feita de pura energia negra, penetrasse bem no centro de seu abdômen e atingisse alguns órgãos importantes. Contudo o ataque ainda atingiu-lhe na lateral do tronco, perfurando a carne e quebrando uma ou duas costelas.

Sophia saltou para trás, sentindo a dor quando a lança, segura pelas mãos firmes de seu inimigo, deixou o ferimento acompanhada por um jorro vermelho. Então ela caiu de joelhos, com as mão sobre o ferimento. Tentou uma rápida magia de cura, mas foi interrompida por uma onda de energia negra conjurada por seu inimigo. O impacto lançou-a para longe.

A maga rolou pelo chão duro, sentindo os ossos quebrados e vendo seu sangue tingir o chão e suas roupas no processo. Sua vista ficou turva e ela se esforçou para levantar.

Quando finalmente se colocou de pé, viu que o anão lutava ferozmente contra Klauss, que já havia derrotado seu servo das sombras. Klauss estava em ligeira desvantagem, mas o combate ainda estava sob controle.

Sophia sabia que não teria condições de ajudar adequadamente o seu companheiro no combate direto, mas lembrava uma forma de derrotar a criatura.

Apesar de os lich só poderem ser mortos realmente com a destruição do amuleto que contem suas almas, ela sabia que para se afastarem muito do amuleto real seria necessário criar um secundário. Portanto era comum para essas criaturas, carregarem consigo apenas o amuleto secundário e deixarem o original em seu covil, bem protegido. No caso de o amuleto que carregavam ser destruído, eles se tornariam pó, mas ressurgiriam alguns dias depois no local da joia original.

Não seria algo que seu inimigo iria expor, mas se ela conseguisse identificar a peça, ela poderia tentar um ataque preciso para destruí-la enquanto o monstro se distraía combatendo o paladino.

Sua vista ainda estava embaçada, mas a maga fazia o melhor que podia para tentar encontrar o amuleto. Contudo, o anão parecia estar usando apenas um manto. Não era possível enxergar qualquer bracelete, cordão ou bolsa de jóias com ele. Se estivesse carregando qualquer coisa consigo, com certeza as roupas estariam escondendo.

Klauss estava começando a ser pressionado e a diferença de poder entre os dois se tornava cada vez mais clara. A situação deixava Sophia cada vez mais desesperada. Se Klauss perdesse aquela luta, ela também estaria acabada.

Porém, a inteligência de Sophia não foi a única qualidade que a permitiu ingressar tão cedo na escola de magia de sua cidade. Ela também possuía uma capacidade incomum de raciocinar rápida e criativamente, mesmo sob pressão.

A maga se concentrou profundamente, tentando reunir toda a energia que lhe restava, e seus lábios começaram a se mover. As palavras mal podiam ser ouvidas em meio ao calor da batalha, mas o lich sentiu, um pouco tarde demais, a imensa energia acumulada naquela invocação.

Respondendo à vontade da jovem, imensas labaredas surgiram do solo, engolindo o anão e chegando até o teto. A rocha logo se tornou enegrecida pelo calor e Klass saltou para trás, com medo de também ser consumido pelas chamas.

A maga sabia que essa magia não seria capaz de deter a criatura, mas quando as chamas desapareceram, elas haviam cumprido o seu papel. O anão estava ali, parado, com as roupas reduzidas a meros trapos carbonizados incapazes de ocultar qualquer objeto. Mas, para a surpresa dela, o lich não trazia consigo nenhum objeto sequer.

– Então você ainda está viva? Uma pena que alguém tão talentosa tenha que morrer tão cedo. Eu realmente estou impressionado de ver tanto poder em alguém tão jovem.

Klaus não conhecia muito bem os poderes de um lich e não era muito estudado na magia arcana, então ele simplesmente não conseguia achar possível que a criatura tivesse saído ileso depois de um ataque tão poderoso.

— Eu vou terminar com seu amigo e depois cuído de você. Vou tomar cuidado para tentar adicionar você na minha coleção, da forma mais intacta possível — disse ele, com sua voz fria e desprovida de sentimentos, sentindo o medo e a apreensão crescerem no coração de Klaus enquanto andava na direção dele.

O coração do paladino se encheu de medo, mas ele fez uma prece a Lance pedindo por força para combater seu inimigo e avançou contra a criatura. Klaus era um paladino juramento de uma ordem muito importante, ele não desistiria até destruir o mal à sua frente ou até morrer tentando.

Após a prece, ele combateu com ânimo renovado, como se o próprio Lance tivesse emprestado parte de sua luz para ajudá-lo a derrotar aquele ser maligno. Poderia ser apenas imaginação de Sophia, mas no futuro, sempre que lembrasse daquela cena, ela juraria que uma fraca aura luminosa envolvia o seu companheiro.

No entanto, por mais que a força dele parecesse ter aumentado, quase fazendo parecer que iria conseguir virar o jogo, ele ainda não possuía o poder para superar a criatura. O lich desviava-se de seus ataques, ou os defendia criando barreiras de energia negra, enquanto realizava contra-ataques com sua lança das trevas. Era questão de tempo até que o guerreiro do deus da justiça começasse a cansar e perder o ritmo, momento em que o anão acabaria com o duelo.

Sophia começou a perder o controle e o desespero tomava conta de sua mente, mas ela se concentrou em seus conhecimentos. Ela não estava errada, precisava haver pelo menos um falso amuleto próximo, mesmo que ela não estivesse conseguindo enxergar. Então, de repente uma ideia surgiu em sua mente. Usar um feitiço para detectar magia no ambiente, já que o amuleto seria com certeza o objeto com maior concentração de poder mágico naquele ambiente. Talvez pela quantidade de poder usado, ela conseguisse até dizer a localização precisa do item mágico, mesmo que estivesse enterrado ou coisa do tipo.

Enquanto isso, Klaus se esforçava ao máximo para manter o ritmo, mas já apresentava sinais de cansaço. Então, por uma fração de segundo, seus pés vacilaram e ele não conseguiu desviar do caminho da lança negra. Com seu martelo tentou aparar o golpe, mas o movimento serviu apenas para fazer com que não fosse fatal.

A arma entrou fundo na coxa direita do paladino, um urro de dor preencheu a sala. Retirando a arma do ferimento, acompanhada de uma grande quantidade de

sangue, o lich preparou o próximo golpe. Contudo, dessa vez, a arma das trevas atingiu uma barreira invisível, lançando um leve brilho dourado no ar.

O anão percebeu que Klass sussurrava algumas palavras e sorriu.

— Se você acha que essa sua magia divina patética pode te proteger, então vou lhe mostrar um pouco da verdadeira magia.

Klauss olhava apreensivo enquanto o anão estendia sua mão e tocava a barreira. Uma leve luz dourada emanava do toque, mas logo ela foi perdendo o brilho e uma estranha energia negra tomava o seu lugar, se expandindo e formando um muro entre os dois. Até que o muro pareceu explodir e o paladino foi arremessado com o impacto.

Ele levantou com dificuldade, utilizando o martelo como apoio. O sangue, de um ferimento recém aberto em sua testa, escorria pela face e provocava ardência em contato com os olhos.

O paladino tentou limpar a face, para poder enxergar, mas a cena que viu foi o lich caminhando calmamente com sua lança em mãos, pronto para o golpe final.

— Foi realmente inteligente da sua parte descartar essa adaga como um item sem valor para não levantar suspeitas. Mas eu acho que essa pequena pedra azul na empunhadura deve ser um tanto importante — falou Sophia, exibindo a adaga em sua mão esquerda enquanto a direita estava envolta em chamas.

O anão virou imediatamente, com um ódio inconfundível em seu olhar. Porém, antes que pudesse ter qualquer reação para salvar o precioso amuleto, Sophia lançou o objeto para o alto e liberou a magia contida em sua mão direita. A bola de fogo saiu de suas mãos, explodindo em contato com a adaga e partindo-a em vários pedaços. A pedra azul contendo o encanto que mantinha o lich vivo tornou-se nada além de um pó de brilho azulado.

O lich, assim como seu amuleto transformou-se instantaneamente em cinzas.

— Acho que não vai ser o suficiente para detê-lo permanentemente, mas estaremos seguros saindo daqui antes que ele volte — falou Sophia, apoiando-se em uma parede próxima.

— Deixe-me ver seus ferimentos, isso parece sério — falou Klauss, preocupado, aproximando-se da jovem.

Porém o paladino deteve-se e ambos olharam espantados para a mesma direção, quando um forte estrondo veio da parede com o arco pintado. Era possível ver uma sombra disforme pela parte da pedra que parecia ser um portal.

Aquele cor translúcida da pedra agora parecia emanar um leve brilho púrpura. A sombra do lado de dentro se agitou e outro estrondo preencheu a sala, seguido de um leve tremor. Como se a presença sinistra aprisionada ali quisesse quebrar a barreira.

Os dois ficaram paralisados pelo terror que enchia seus corações. Então outra pancada provocou um tremor ainda maior e uma pequena rachadura surgiu na parede.

— Droga! Acho que não fomos rápidos o suficiente, vamos sair daqui! — falou Klaus, correndo para libertar as poucas pessoas que ainda estavam vivas, presas aos grilhões nas paredes.

— Não adianta fugir, se está criatura sair daí, provavelmente ela vai destruir toda a cidade.

— Então o que você sugere? Porque parece que essa coisa vai conseguir sair em pouco tempo.

— Continue libertando as pessoas, eu vou tentar uma coisa.

Klauss continuou rompendo os grilhões com cuidado. Nenhum dos sobreviventes estava consciente naquele momento, mas era possível perceber que ainda estavam respirando. O paladino acreditava que estavam bem e provavelmente só perderam a consciência devido ao poder maligno que enchia a sala cada vez mais. Ele próprio já sentia o peso em seu peito, como se aquela presença maligna começasse a se tornar uma pressão física. Parecia cada vez mais difícil respirar.

Quando parou por um instante e olhou para trás, ele viu a jovem chegando à parede. Ele imaginou então que ela tentaria fazer algo parecido com o que foi feito na porta acima deles, porém de maneira inversa.

O paladino estava correto. O plano de Sophia era tentar utilizar sua habilidade natural com magia para compreender o encantamento e reforça-lo. Algo que ela nunca fez antes, mas acreditara ser possível, já que ela conseguia fazer isso para anulá-los.

Quando ambas as mãos da maga tocaram a parede, um impacto muito mais forte que o anterior percorreu todo o salão. Como se a entidade conseguisse compreender o que estava na mente de Sophia e estivesse tentando dissuadi-la ou ameaça-la.

Ela fechou os olhos e tocou também a testa na pedra. Outro impacto fez com que a rachadura aumentasse. A maga ouvia em sua mente uma voz aterrorizante lhe dizendo sobre as infinitas formas que usaria para acabar com sua vida.

A maga se concentrou ainda mais e o plano pareceu estar funcionando. As rachaduras sumiram, as escrituras no arco se avivaram e a pedra começou lentamente a retornar ao seu aspecto natural. Até que sua cor voltou completamente ao normal e a sombra disforme desapareceu, junto com os tremores e a voz na cabeça dela.

O que Sophia não sabia era que, apesar do plano ter funcionado, não foi exatamente pelo motivo que ela havia imaginado. Na verdade, assim como na caverna onde perdeu seus amigos, o seu sangue, que havia se espalhado tanto em seu rosto quanto em suas mãos, foi o responsável pelo acontecido.

O sangue da jovem, com um poder imenso que ela ainda desconhecia, havia reagido com a magia antiga e reavivado o encantamento de acordo com a sua vontade.

— Funcionou. Eu não consigo mais sentir aquela presença, estamos salvos — falou Sophia, desabando no chão.

Klauss correu até ela e usou seus poderes para curá-la e para curar a si mesmo. Como já estava exausto e lhe restava pouco poder mágico, a cura não foi tão eficiente quanto o normal, mas seria suficiente para que pudessem sair dali sem correr risco de vida.

Os dois subiram a escada e caminharam de volta à saída. Sophia utilizava um truque bastante simples que fazia com que os sobreviventes, ainda inconscientes, flutuassem atrás dos heróis de acordo com a vontade da maga.

Tudo parecia bem e eles começaram a se sentir mais relaxados, com aquela prazerosa sensação de dever cumprido.

— Precisamos encontrar aquele anão rabugento depois que nos recuperarmos. Ele tem muitos livros interessantes e pode haver alguma coisa neles



que ajude a reforçar ainda mais o encantamento e selar para sempre aquela caverna. Se o lich resolver retomar o plano dele, nós podemos não ter a mesma sorte da próxima vez.

— Sim, concordo com você. Aquele monstro era incrivelmente poderoso. Achei que os lich fossem apenas lendas.

— Muitos acham e poucos sobrevivem depois de descobrir que estavam errados. Mas temos outro problema também. O povo do deserto estava aqui atraído por algo que o lich deve ter prometido para eles. Temos que ficar de olho para garantir que, agora que tanto o líder deles quanto o lich estão mortos, eles vão desistir de atacar as trilhas nas montanhas e voltar para casa.

Quando eles se aproximaram da saída da caverna, ambos escutaram uma grande movimentação do lado de fora, como se uma grande festa estivesse acontecendo no sopé da montanha.

— Você ouviu isso? — Perguntou Sophia, incerta de que o que ouvira fosse real.

— Sim, ouvi. Não consigo discernir o que está acontecendo, mas vou checar. Mantenha-se escondida aqui dentro com os sobreviventes enquanto eu vejo o que é isso.

O paladino chegou até a entrada da caverna e a cena que viu o paralisou por instantes. Não era uma festa que estava acontecendo, mas uma caçada. Incontáveis pessoas subiam as montanhas munidas de espadas, machados, arcos, bestas e alguns até com forcados ou foíceis. Muitos seguravam cartazes em suas mãos.

Não restou dúvida na mente de Klauss. Alguém ligou as coisas estranhas que estavam acontecendo com a chegada de Sophia e percebeu a semelhança com o cartaz. Estavam todos em busca da Maga Violeta, antes que ela arruinasse a cidade.

— Droga, eles te descobriram! Quase a cidade toda está vindo atrás de você.

— Maldição! Não vai ser fácil fugir no estado que eu estou.

— Você não precisa, deixe que eu vou tentar falar com eles e explicar que você é apenas uma clériga. Todos vão acreditar na palavra de um servo de Lance. É de conhecimento de todo o Reinado que nós não mentimos.

— Não tem jeito, pode ser que alguém não acredite e eles acabem se voltando todos contra nós dois. É muito arriscado.

— Então use alguma dessas suas mágicas e nos deixe invisível. Vamos deixar essas pessoas aqui e fugir. Quando a população encontrá-los e cansar de nós procurar, vão cuidar deles.

— Impossível também. Não me resta forças para manter a invisibilidade por tempo suficiente até estar longe o bastante e, se for para duas pessoas, pode contar com a metade desse pouco tempo.

— Então realmente não temos outra opção a não ser tentar convencê-los.

— Concordo, não existe uma opção para nós, mas existe uma para você e uma para mim. Chegou a hora de nós separarmos Klaus, você sabe que essa coisa de serva dos deuses não é muito o meu perfil. Fique aqui com os sobreviventes e eu vou tentar a sorte saindo invisível dessa caverna.

— Mas você mesma disse que não tem energia para chegar longe o suficiente, pode ser que eles te vejam e você vai precisar correr bastante, o que eu também acredito que você não vai conseguir fazer.

— É verdade, mas é a minha melhor chance — respondeu ela, com um sorriso triste nos lábios. — Muito obrigado por tudo e sinto muito por não ter sido uma clériga melhor. Mas você sabe como essas coisas funcionam né, não vai funcionar para mim me afastar da magia e de tentar ajudar as pessoas. Se eu morrer fazendo isso, daqui a poucos dias, tudo bem. Vão ser dias que valerão muito mais do que uma infinidade longe dessas coisas que eu tanto amo.

— Sim, eu entendo, mas não vá ainda. Eu tenho um plano melhor — falou ele, colocando a mão sobre o ombro da jovem e sorrindo de forma amigável. — Eu vou atraí-los para dentro da caverna, dizendo que você ainda está lá dentro, enquanto você aguarda invisível bem na entrada. Quando todos tiverem entrado, você usa algum de seus poderes para desmoronar a entrada e nos prender aqui. O que tempo que vamos demorar pra sair vai te dar uma boa vantagem. Duvido que saíamos antes de um dia ou dois.

— É um bom plano, mas você sabe que vai perder seus poderes por algum tempo com essa mentira, não sabe?

— Sim, mais um motivo para atrasar a nossa saída daqui.

— Obrigada, Klauss. Espero que nos encontremos de novo algum dia. Vou precisar retribuir toda essa ajuda.

Sophia então aguardou até que a população se encontrasse bem próxima da entrada, conjurou sua magia e saiu invisível, colocando-se em uma posição que a protegesse de qualquer contato acidental enquanto as pessoas entrassem na caverna. Nesse momento, o paladino saiu apoiando-se em seu martelo e agitando uma das mãos acima da cabeça.

— Venham! Ela me enganou, quase não consigo escapar com vida. Mas ela está encurralada aqui dentro, vamos pegá-la! — Gritou Klauss, se esforçando ao máximo para ser convincente, embora lhe faltasse prática em mentir.

Se as pessoas estivessem realmente prestando atenção, teriam percebido a péssima atuação do paladino, mas o frenesi em que estavam, aliado ao fato de ouvirem o que queriam ouvir, normalmente é suficiente para fazer as pessoas acreditarem nas piores mentiras.

— Vamos! Vamos pegá-la! — Gritavam alguns deles, em meio à multidão.

Todos entraram apressados na caverna, empurrando-se e amontando-se para caberem o mais rápido possível naqueles túneis estreitos. Sophia aguardava pacientemente, para garantir que todos estariam dentro da caverna no momento certo e que nenhum deles seria atingido pelo desmoronamento. Então, quando as condições ideais finalmente apareceram, ela conjurou uma pequena explosão na parte externa do teto da caverna. O desmoronamento foi suficiente para trancar todos ali dentro e colocar alguns metros de pedra entre eles e a saída.

Sophia então desfez sua invisibilidade, a fim de guardar o pouco de energia que ainda lhe restava, e correu da melhor forma que pôde para a mata abaixo das montanhas. Norwood seria o seu destino. Seria muito mais fácil se esconder naquele reino com suas cidades escondidas em meio à densa floresta.

Seu corpo doía com o esforço, mas ela sabia que eram apenas algumas centenas de metros até sair de terreno aberto. Quando as árvores lhe fornecessem a cobertura que precisava ela poderia andar de novo.

Mesmo com toda dor, todo o esforço e a tensão da fuga, sua mente sentia o peso da vida que estava deixando para trás. Ela sabia que ficar com Klauss agindo como clériga poderia lhe dar uma tranquilidade em alguma cidade pequena, que ela não teria de outra forma. Porém, não era pela tranquilidade que ele corria

para se manter viva. Por mais que fosse uma ideia tentadora, ela lutava para se manter viva porque sabia que possuía um incrível dom para magia e que para cada dia que permanecesse viva, esse dom poderia salvar outras vidas.

Essa certeza lhe bastava. A certeza de saber que ela queria viver desse jeito, de saber que viver sem usar seu dom para salvar pessoas seria o mesmo que não estar viva.